APOSTILLAS

DE

HISTORIA DO PARÁ

EXPLICADAS POR

Theodoro Braga

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO

PARÁ—BELEM

BRAZIL

1915

SEC
395921
- 798 -

APOSTILLAS

DE

HISTORIA DO PARÁ

EXPLICADAS POR

Theodoro Braga

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Manaus Amazonas

IMPRENSA OFFICIAL DO ESTADO

PARÁ—BELEM
BRAZIL

1915

Bt. Mário Ypiranga Monteiro
Registro: 02732
Folha:
Data:

Ao

Dr. Alfredo Sousa,

pelo seu indefesso esforço devotado á grandeza e ao progresso do Pará, como á sua mais elevada expressão moral,

consagra

Theod. Braga.

THESES PROPOSTAS

PELA

SECRETARIA DO INTERIOR, JUSTIÇA E INSTRUCÇÃO PUBLICA

Theses para conferencias didacticas nas escolas publicas e particulares do Estado do Pará.

I

Partida de Francisco Caldeira de Castello Branco, em 25 de dezembro de 1615, em demanda das aguas do Pará; seus intuitos, derrota da viagem e sua chegada a Belem.

II

O que era o Pará em 1615; tribus existentes no Guajará; a presença de forasteiros extrangeiros naquella epocha, nos nossos rios. A completa dominação portugueza no vale do Amazonas.

III

Valôr civico e afortunado de Pedro Teixeira; a sua viagem por terra de Belem a S. Luiz; suas victorias contra as fortificações e feitorias de hollandezes e inglezes, em Gurupá e no Xingú.

IV

A extraordinaria expedição de Pedro Teixeira, do porto de Cametá ás margens do Napo, que conseguio para o Brazil a verdadeira conquista do Amazonas.

V

A indole pacifica dos indios do Pará e a sua adaptação ao ensino ministrado pelos missionarios; Catechumenos transformados em mestres.

VI

Onde foi a primeira fundação de Belem; como foi fundado o forte do Castello e como se edificaram as primeiras casas.

VII

Topicos biographicos de Francisco Caldeira de Castello Branco, Pedro Teixeira, Antonio Cochado e outros principaes personagens da fundação desta cidade.

VIII

As principaes igrejas de Belem; conventos e ordens religiosas estabelecidas no Pará e sua influencia na nossa civilisação.

IX

Evolução da escola primaria desde a colonia até os nossos dias.

X

Historia da fundação das principaes cidades do Pará, destacando o nome de seus fundadores, o logar dos primitivos estabelecimentos e o seu nome indigena.

XI

Os jesuitas, na instrucção publica da colonia; os padres mais eminentes dessa ordem religiosa no serviço da cathechese e nos acontecimentos politicos d'aquella epocha.

XII

Os professores leigos; os nomes mais destacados na chronica do nosso ensino publico e particular.

XIII

Valor do mestre-escola na civilisação de um povo; a feição caracteristica da nação copiada do trabalho do professor no ensino.

XIV

Valor das reliquias historicas como principal meio de incentivar o patriotismo e esclarecer os pontos da historia regional. Necessidade de um museu historico em Belem.

XV

Evolução dos livros didacticos e litteratura pedagogica do Pará, seus auctores e importancia das suas obras.

XVI

Influencia da mulher no ensino publico; seu valor didactico, amenidade maternal no ensino; escolas mixtas.

Secretaria de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica do Pará, 7 de Junho de 1915.

PALAVRAS PRÉVIAS

Por injuncções da historia e do dever civico, cabe-nos no momento, a tarefa mais que todas grata de commemorar condignamente o evento do tricentenario da fundação da cidade de Belem do Grão-Pará, e tão magna responsabilidade deve ser assumida com coragem mesclada de satisfacção e ufania.

A' frente de todos nós, os que demos os primeiros passos nesse auspicioso objectivo, collocou-se o governo do Estado, promovendo a fixação de monumentos escriptos allusivos á festiva data, marcando assim o grandioso feito com os signaes indeleveis da intellectualidade paraense hodierna. Com effeito, o momento, mais que nenhum outro da nossa vida de povo organizado, está a indicar a inilludivel necessidade de definir as nossas origens, com conhecimento de causa e effeito, como razão de existencia collectiva, por trabalho de indagação historica, qual o condensado nas paginas a seguir, paginas que visam o intuito de perdurar através do tempo e do espaço, no futuro, deixando vestigios inapagaveis da nossa passagem, vivendo com amor patriotico e consciente interesse civilizador uma data tão significativa para os nossos destinos.

O Governo do Estado, que por feliz coincidencia historica está entregue nas mãos de um authentico patriota, o Sr. Dr. Enéas Martins, vae assistir ao advento do terceiro centenario da fundação de sua progressiva capital, e a Secretaria de Estado do Interior, Justiça e Instrucção Publica, associando-se a numerosos outros factores commemorativos dessa data, elaborou opportunas theses, em numero de dezeseis, para serem estudadas, defendidas e explicadas pela solicita corporação do seu magisterio escolar. Impressas e distribuidas essas theses, um propicio movimento de enthusiasmo patriotico se apoderou de todos os que amam esta sagrada parcella da patria commum, e ninguem sentiu fadiga, procurando estu-

dar e apprender os fundamentos da sua historia ainda nebulosa e incerta, á falta de seguras fontes escriptas.

Superando, porém, a justa ambição de obter os conhecimentos inherentes ao assumpto, antepunha-se o escôlho de dados e documentos só accessiveis por meio de paciente e aturado estudo nas bibliothecas e a pesquiza lenta e cuidadosa dos alfarrabios nos archivos do Pará e alhures.

Faltando-nos ainda a concatenação chronologica e historica de tudo que se liga á nossa terra, difficil, pois, se tornaria a rapida acquisição desses apontamentos. Movido por tal difficuldade, e inspirado no desejo de facilitar aos estudiosos o accesso nas fontes historicas em que o assumpto é versado, tentamos o despretencioso commento abreviado á margem da Historia do Pará, objecto de nossa grande predilecção, que vae a seguir.

Compulsando, de ha muito, livros e papeis varios referentes a esta matéria, com a qual nos temos familiarizado, por pendor natural e pelo interesse que nos solicita o momentoso acontecimento que vamos memorar, annotamos e explicamos as theses offerecidas pela Secretaria de Instrucção Publica. N'ellas é exposta a respectiva matéria, cingido o seu desenvolvimento ao estrictamente necessario como noticia geral, auxiliando os estudiosos no labyrinto das informações que mais lhes convém colhêr e sobre as quaes poderão fazer trabalho de maior extensão, debaixo do ponto de vista da interpretação pessoal.

Summarias apostillas de historia patria regional, dedicàmol-as aos corpos discente e docente das escolas publicas do Estado, com o pensamento amigo e sincero de lhes prestar util ajuda no estudo e no ensino das questões opportunamente propostas pelo governo.

Pretendendo habilitar uns e outros a responder ás mesmas com relativa segurança historica, e quanto a elles, com mais acurada forma litteraria, de accôrdo com a capacidade e a imaginação de cada um, e todos movidos do sentimento que nos anima — o amor da terra commum e o desejo do seu melhor conhecimento, na dignificação que ella nos impõe, dar-nos-emos por feliz, se lograrmos o nosso intento.

Vale.

Theodoro Braga.

I

Partida de Francisco Caldeira de Castello Branco, em 25 de Dezembro de 1615, em demanda das aguas do Pará; seus intuitos, derrota da viagem e sua chegada a Belem.

Iniciára-se o seculo XVI com a descoberta de um vastissimo territorio que constituiu a maior e a mais esplendorosa joia da refulgente corôa portugueza. E todo esse seculo celebrisou-se por audaciosas aventuras em torno da immensa costa dessa colonia riquissima e de futuro grandioso.

A terra de Vera Cruz excitava a cobiça de quasi todos os povos da Europa. Passando por todas as tentativas de posse de nações outras, os francezes já no fim desse seculo seguiram, após os hespanhóes, na penetração pacifica, a principio, ao norte do territorio que Pedro Alvares Cabral descobrira para Portugal.

Em 1594 Jacques Riffault, traficando nas costas do estuario amazonico, conseguiu fixar-se na ilha da Trindade (São Luiz do Maranhão), e ao abandonar essa nova colonia, partindo para França, ahi deixou Charles des Vaux entre os indios. Este, por sua vez, conseguindo chegar á França, ahi moveu Daniel de La Touche, senhor de La Ravardière, a tentar a colonisação das terras onde estivera, que eram dignas de tal tentativa.

Em 1612 desembarcaram os francezes capitaneados por La Touche, e não demorou que este, fazendo pazes com os indios, fundasse a cidade de São Luiz, nome dado em homenagem ao seu rei, Luiz XIII da França.

No anno seguinte tentaram elles colonisar o Pará, onde estiveram por algum tempo. Não tardou, porém, que tal ousadia chegasse a ser sabida em Lisboa. Logo que foi conhecido o estabelecimento dos francezes no Maranhão, o governo da metropole recommendou ao Geral do Brazil a sua expulsão, seguindo-se a definitiva installação dos portuguezes naquellas

paragens. Para tal conseguir, Jeronymo de Albuquerque atacou-os, sendo logo depois secundado por Alexandre de Moura, chegado de Pernambuco, commandando uma expedição para esse fim; e a 2 de Novembro de 1615 La Touche capitulou, entregando o forte, a cidade e tudo que podia comprometter a segurança da colonia. Retiraram-se depois os francezes para Europa.

Essa victoria dos portuguezes era, entretanto, incompleta. Estimulado por um lado pela narração de La Ravardière sobre as novas regiões do Amazonas, e por outro lado devendo expulsar os extrangeiros que sabia alli commerciarem e fixarem-se, Alexandre de Moura preparou uma expedição ás terras do Pará e confiou-a a Francisco Caldeira de Castello Branco, que com elle viera de Pernambuco, afim de consolidar de modo definitivo o dominio da corôa portugueza que naquellas paragens se achava ameaçado.

E a 22 de Dezembro de 1615, no forte de São Felippe, Alexandre de Moura, capitão mór de conquista do Maranhão, entregava o regimento a Francisco Caldeira de Castello Branco, afim de que este fôsse ás terras do Pará «deitar delle os francezes que naquella paragem era informado estarem fortificados». Foi escolhido Castello Branco para na qualidade de capitão mór fazer essa jornada, pois que de maneira nenhuma convinha ao serviço d'El Rei que a fizesse o proprio Alexandre de Moura escolheu e engajou Castello Branco 150 homens, e em 3 embarcações fornecidas de todos os aprestos necessarios, além de mantimentos para 5 mezes, partiram «para essa jornada no dia de Natal passado em que se deu principio a era de 1616, correndo sempre a costa e dando fundo todas as noites, tomando as conhecenças da terra e sondando sempre, fazendo roteiros pelo piloto Antonio Vicente Cochado, a quem o dito capitão mór Alexandre de Moura mandou por piloto mór». (1) Continuando assim a sua róta, procuraram os marinheiros e gente do mar reconhecer a costa, não só pela observação e aspecto geral, como tambem com as sondas, afim de facilitarem novas viagens que áquella se seguissem.

---

(1) «Relação do que ha no grande Rio das Amazonas novamente descoberto», pelo *capitão Andrés Pereira*.

Chegando ao Cuma, deviam fallar ao gentio e reduzil-o á vassallagem, tarefa que resultava facil, visto como o sr. des Vaux, que tambem fazia parte da expedição, já era conhecido dos indios. Chegada, emfim, ao grande rio, e tendo andado 150 leguas de costa, entrou a armada por um braço estreito que está na ponta a que chamavam nessa epocha de Saparará, na parte de léste, e não se preocupando elles da largura do rio fôram sempre navegando por entre ilhas, sempre rio acima, fallando com o gentio que de boa vontade acceitava a amisade dos novos civilisadores.

Pelo Regimento que Alexandre de Moura deixou a Francisco Caldeira, vê-se que os intuitos d'este, com seus companheiros de expedição, uma vez alojados e fortificados com a artilharia que levavam, eram, aproveitando o mesmo instrumento, o sr. des Vaux, da melhor maneira possivel reduzir todas as nações gentias circumvisinhas ás armas portuguezas e verificar se havia commercio no rio Amazonas de naus flamengas e inglezas, e no caso affirmativo, captural-as, pondo termo a taes abusos.

Chegados, a final, ao termo de sua jornada, dentro do rio Pará, escolheram elles sitio accommodado onde se fortificaram com segurança. A sua chegada ao ponto escolhido devia ter sido nos primeiros dias de Janeiro de 1616, pois que a 9 desse mez e anno, Jeronymo de Albuquerque Maranhão, recebendo no forte de São Felippe, o Regimento que o capitão mór Alexandre de Moura lhe deixara por serviço de sua Magestade, para bem do Governo dessa provincia do Maranhão, ficava «advertido que tendo aviso de Francisco Caldeira de Castello Branco que está no Pará, distante d'aqui 150 leguas» o deveria soccorrer em tudo que lhe fôsse possivel, afim de que essa conquista não viesse a perder-se.

Por todas aquellas partes, diz Andrés Pereira, (obr. cit.), mostravam as terras ser fertilissimas de madeiras e na bondade dellas todas as ilhas cheias de muita casa e chegando ao sitio onde fizeram fortaleza, 35 leguas pelo rio acima para o Sul, soube alli Castello Branco que nesse mesmo local escolhido andava um flamengo, o qual, com mais um outro, revelara o intento de o povoar, tendo de lá partido, havia poucos dias, 3 embarcações hollandezas.

Desembarcados, deram logo inicio ás construcções necessarias de defeza, preoccupados em que estas não deviam denunciar aos gentios o caracter de commerciantes e aventureiros, como eram os flamengos, inglezes e francezes, mas sim o de conquistadores, posseiros daquellas terras, em defeza das quaes vinham ahi fixar o respectivo signal.

II

O que era o Pará em 1615; tribus existentes no Guajará; a presença de forasteiros extrangeiros n'aquella epocha, nos nossos rios. A completa dominação portugueza no valle do Amazonas.

Após a viagem de Vicente Yanez Pinson, em 1500, rumando de Pernambuco para o Norte, até o Amazonas, a que elle chamou de *Santa Maria de la Mar Dulce*, e que singrára rio acima 20 legoas, indo depois até o rio Oyapock, costeando o Pará, denominando cabo de São Vicente o que posteriormente foi chamado de Orange, outro hespanhol, Diego de Lepe navegou no rio das Amazonas, ainda naquelle mesmo anno.

Em seguida aos hespanhóes sulcaram as aguas paraenses os portuguezes João Coelho, em 1502, João de Lisbôa, Diogo Ribeiro, Fernam Fróes, Francisco e Pero Corso.

Com fins diversos, de 1503 a 1513, navegaram estes por varios pontos da immensa costa septentrional do Brazil.

O cabo Raso, ou do Norte, fôra baptisado por Fernam Fróes com a designação de cabo Corso, apellido dos irmãos deste nome, seus companheiros de navegação.

Depois afastaram-se os portuguzes do norte do Brazil; preoccupados de balde em impedir as innumeras tentativas que dia a dia augmentavam de ousados traficantes, deixaram essa immensa parte da colonia entregue á ganancia e cupidez de extrangeiros. São os hespanhóes do Perú, que em busca do *El-Dorado*, descem o rio das Amazonas, de conquista em conquista.

E' Gonçalo Pizarro, que fica em meio da viagem e manda Orellana continuar a conquista, retrocedendo elle desanimado e vencido. Orellana e seus audazes companheiros desceram o

grande rio até á sua foz, indo ter a Hespanha, de onde aquelle voltou com o pomposo titulo de governador e general daquellas terras, que elle julgára ter descoberto—as terras do Pará.

Em 1549, Orellana, enganando-se de fóz, entrou pelo rio Pará, estuario do rio Tocantins, e desnorteado em tal labyrintho, consegue por fim voltar só, indo ter á ilha Margarida, onde terminou os seus dias. A elle se deve a denominação de *Amazonas* dada ao grande rio, pois que fôra neste atacado com furiosa bravura por uma tribu de mulheres guerreiras quando descia, com a sua expedição, o rio-mar, segundo elle mesmo refere.

Mais tarde, em 1560, nova tentativa de conquista do Amazonas, sempre em busca do *El-Dorado*, por Pedro de Ursua, vindo do Perú, o qual no anno seguinte foi assassinado pouco abaixo da confluencia do rio Napo, pelos companheiros amotinados da expedição.

O chefe revoltoso, Lobo de Aguirre, proclamou D. Fernando de Gusmão rei do novo imperio emancipado de Hespanha. E, rio abaixo, seguiu o reino ambulante, indo finalmente dissolver-se pelo assassinato de Aguirre, victima de seus crimes.

Depois desse desastre espaçaram-se as invasões aventurosas de extrangeiros ás regiões Amazonicas. A partir de então, os hespanhóes, inglezes e flamengos buscaram o commercio no archipelago da embocadura do grande rio.

Não tardaram a vir em seguida os francezes, e cada grupo a seu turno tranquillamente se ia accomodando, fixando estabelecimeutos de commercio atraz de reductos entrincheirados.

Em 1613 La Touche, tendo já fundado São Luiz do Maranhão, vem ao Pará, onde se demorou no aldeamento dos Caetés e entrou depois nos estreitos do rio Pará, que tinha as margens coalhadas de povoações de indios da tribu Tupinambá. Em breve mostraram estes boa amisade aos francezes, e La Touche, para retribuir tão propicia camaradagem, atacou os indios Camarapins, bellicosos e inimigos figadaes dos Tupinambás. Para aniquillarem aquelles, subiram estes e os francezes o rio Tocantins, até o aldeamento dos indios pacajás e parissós (1), e ahi os atacantes derrotaram completamente os

(1) Entre a actual cidade de Cametá e a antiga *Camutá Tapéra*, primitiva fundação daquella.

camarapins, indios desse rio. Insatisfeito, La Touche ia tentar subir o rio Tocantins, em busca de novas explorações, quando lhe chegou um aviso urgente do seu preposto no governo da colonia de São Luiz, o sr. de Pisieux, dando-lhe a assustadora noticia de que os portuguezes atacavam a colonia, pondo-lhe assim em perigo a existencia.

Abandonando precipitadamente a exploração do rio Tocantins, La Touche parte para o Maranhão.

Avançava lentamente para o norte a muralha inderrocavel da gente portugueza, indo, methodica e firmemente, vencendo todos os obstaculos, todas as nações e em todos os logares.

Do Sul ao meio Norte do Brazil a conquista estava solidamente feita.

Era agora a vez de a tentar dahi ao norte extremo. E assim, de 1584, com a conquista da Parahyba, a expansão geographica e colonial portugueza alargára-se, fechando no curto espaço de 31 annos o cyclo de seu podèrio no ambito das terras que o meridiano de Tordesillas lhe marcára.

Na colonisação da conquista do Pará encontraram os portuguezes a vastissima bacia Amazonica completamente povoada de um sem numero de tribus indigenas. Era a uberdade do sólo, a piscosidade dos rios e a caça abundante das mattas que provocára essa densidade de população.

Todos os escriptores são accordes em affirmar que fòram os Tupinambás, emigrados do Sul, os indigenas que viviam em terras do Pará, ao tempo da descoberta. Entretanto, nativos d'aqui, podem-se hoje, com os estudos de sabios americanistas allemães, (1) enumerar indigenas como *tupis puros*, os *tembés*, do Acará e Capim; os *pacajás*, os *jacundás*, os *tapirauás*, da margem esquerda do Tocantins; os *tecunapeuas*, do Xingù; os *maués*, de entre o Xingú e o Tapajós; os *anambés*, do baixo Tocantins; e como *tupis impuros* os *jurunas*, do baixo Xingú, e os *mundurucús*, do baixo médio Tapajós. Na vasta ilha de Marajó estava a immensa tribu dos *Aruans*, subdividida e ramificada em todos os sentidos dessa ilha.

Após tres seculos de conquista, a raça imperecivel dos nossos selvicolas resiste, como resistiu á degradação, á cruel-

---

(1) Sobretudo Paul Ehrenreich e von den Stein.

dade e ao massacre. Não varia a historia das conquistas, ella é uma só.

Variam apenas os pormenores do processo conquistador. Vencidos e escravisados, os nossos indios receiam ainda o contacto civilisador, rememorando, talvez, atravez do tempo e do espaço, por doloroso atavismo subconsiente, a mortandade abominavel e inutil praticada no tempo da primeira penetração imperialista do aventureiro europeu.

III

Valor civico de Pedro Teixeira; a sua viagem por terra de Belem a São Luiz; suas victorias contra as fortificações e feitorias de hollandezes em Gurupá e no Xingú.

Em principios de Janeiro de 1616 chegou ao Pará Francisco Caldeira de Castello Branco, com a sua expedição, ao mando de Alexandre de Moura, com o fim de fixar o ponto de resistencia e ataque aos invasores extrangeiros, como tambem plantar e extender a civilização portugueza por essas terras incultas.

Com elle viera, entre outros, o alferes Pedro Teixeira. Novo e valente, Pedro Teixeira não recusava nunca as mais perigosas commissões.

Iniciou elle as suas conquistas, dando assim expansão ao seu genio audaz e aventureiro, acceitando a incumbencia de ir, capitaneando uma escolta de soldados e de indios, levar ao Maranhão a alviçareira noticia da feliz fundação da pequena povoação que Caldeira de Castello Branco erigira sob o nome de Nossa Senhora de Belem do Grão Pará. A 17 de Março de 1616 partiu de Belem por terra, com a sua gente, seguindo a trilha dos selvagens.

Não tardou, porém, em ser atacado pelos Tupinambás, habitantes do rio Caeté. Nesse rio havia, segundo Claude d'Abeville, 26 aldeias desses naturaes. A lucta foi renhida, mas o valor proprio e a sua extrema coragem fizeram-n'o vencedor, e reduzindo os indios á obediencia, tomou posse immediata daquella vastissima região.

Após esta demora forçada, proseguiu viagem e, sem mais atropellos, chegou ao Maranhão, onde, sendo recebido com demonstrações de jubilo e apreço, deu parte a Jeronymo de Albuquerque da fundação de Belem.

Jeronymo d'Albuquerque tinha ficado com o governo da Capitania do Maranhão, por mando de Alexandre de Moura, que se ausentára.

Pedro Teixeira em breve regressou a Belem, trazendo novos auxilios de gente, de artilharia e outros petrechos bellicos. Vieram todos em um lanchão, por mar. Com esse soccorro Castello Branco poude melhorar o estado da nascente povoação, pouco depois trabalhada por conflictos entre seus habitantes, na maioria soldados. Em setembro de 1618 uma sedição sacode fóra do governo da capitania o seu fundador e capitão-mór Castello Branco, que foi mettido a ferros e, preso, remettido para Lisboa.

Succederam-se no governo da colonia varios capitães-móres, até que no anno seguinte se formou um duumvirato, o qual passou depois a triumvirato com a entrada do capitão Pedro Teixeira, seguindo-se após a retirada de frei Antonio da Merceana, depois do que voltou a governar o duumvirato, que por sua vez pouco durou, ficando então só no governo da Capitania do Grão Pará o capitão-mór Pedro Teixeira, o qual assumiu a governação em maio de 1620. Terminada esta em 21 de Julho de 1621, succedeu-lhe Bento Maciel Parente. Entretanto, emquanto em 1616, precisamente, Francisco Caldeira fundava a povoação de Belem, os hollandezes construiam o terceiro forte, em Gurupá, mais proximo ainda do novo estabelecimento portuguez. Os portuguezes, então em lucta com os indios, tiveram de tolerar por seis annos as invasões d'aquelle povo essencialmente navegador.

Todavia, Pedro Teixeira e mais uns vinte companheiros conseguira destruir-lhes um navio de guerra ancorado na bocca do Amazonas, cuja preza da artilharia servira para guarnecer o forte do Pará.

Desde junho de 1620 os inglezes, juntando-se aos hollandezes, haviam-se estabelecido no braço oriental do rio.

Infelizmente, porém, para esses aventureiros, Bento Maciel Parente e Pedro Teixeira, conseguindo inspirar confiança aos indigenas, pela affeição ou pelo terror, fazem com que estes voltem suas armas contra aquelles. Só em 1623 é que se resolveram decididamente os portuguezes a repellir e expulsar do territorio da capitania não poucos hollandezes e ingle-

zes, que subrepticiamente se fixavam em terras paraenses. Nesse anno, Bento Maciel, capitão-mór do Pará, arrazou o forte hollandez de Mariocay, levantando sobre suas ruinas uma fortaleza denominada de Santo Antonio de Gurupá, indo bater os inimigos na pequenina ilha de Sant'Anna dos Tucujús, onde se refugiavam. Ahi obteve elle victoria parcial, sem conseguir, todavia expulsal-os. Em 1625, porém, Pedro Teixeira, obstinado e destemido, destroça-os nesse mesmo logar, prende dous chefes, Hosdam e Purcell, e toma ainda um navio que vinha em seu soccorro. Este ultimo chefe, enviado preso para Madrid, ahi recupera a liberdado, volta novamente ao Amazonas, afim de continuar a sua obra tão brusca e inesperadamente interrompida. Mas ainda desta vez foi mal succedido, cabendo a Pedro Teixeira, em 1629, a sorte de um novo ataque victorioso, que o fez apoderar-se do forte do Torrego ou Tauerege, bloqueiando-o, o qual, com as suas oitenta praças, se rendeu, conjunctamente com seu chefe. Esse forte que se achava construido no rio Manacápurú, foi arrazado logo após a victoria de Teixeira.

Roger North tentou vingar este desastre, atacando Pedro Teixeira em Gurupá. Vencedor em toda linha, Teixeira consegue ainda obrigal-o a fugir com grandes perdas. Repellido de Gurupá, North levantou entre os rios Matapy e Anauerapucú um forte solido e bem guarnecido, mas em 1631 os portuguezes atacam-no e tomam-no, arrazando-o, como todos os outros. Esse forte foi chamado pelos portuguezes de *Philippe*, no acto de investirem contra elle.

Foi esse valoroso homem de guerra, Pedro Teixeira, o mais poderoso auxiliar no governo da colonia ao tempo do capitão-mór Bento Maciel Parente. Conhecendo-lhe as virtudes, este tratou de incital-o a actos de civismo e esforçou-se por conquistar-lhe a sympathia, como uma necessidade de ordem publica. Nesse intuito não lhe regateou a sua confiança. Pouco depois de assumir o governo, que recebeu das mãos de Pedro Teixeira, sem a menor reluctancia, Bento Maciel deu-lhe o commando de uma expedição contra os selvagens de novo rebellados, e em junho de 1622 o encarregou de abrir uma estrada de Belem ao Maranhão, afim de facilitar o transito e o commercio entre as duas capitanias. Parecia, entretanto, qu

Bento Maciel tinha inveja da popularidade de Pedro Teixeira, afastando-o propositalmente, por isso, do centro da colonia. Incumbia-o de commissões importantes, é certo, mas que só podiam ser desempenhadas em logares ermos e distantes.

Foi ainda a elle, que coube a gloria de levar o pendão das quinas até Quito, capital do Perú, sendo tambem o primeiro navegador que singrou, subindo, todo o extensissimo rio das Amazonas. Com todas essas batalhas, sempre coroadas de triumphos rapidos e completos, as tentativas audaciosas do inimigo continuam ephemeras e raras. O Pará começa a tomar posição no mundo civilisado. Accentuam-se e fixam-se os seus limites, graças ás successivas conquistas de seus colonizadores definitivos.

Do Oyapock ao Gurupy, do Oceano a Tabatinga, seu immenso territorio incorpora-se no pleno dominio e posse dos ousados e invenciveis portuguezes, cuja bravura e heroicidade consegue enriquecer com mais esta gemma a corôa das suas descobertas e colonisação nas cinço partidas do mundo.

IV

A extraordinaria expedição de Pedro Teixeira do porto de Cametá ás margens do rio Napo, que conseguiu para o Brazil a verdadeira conquista do Amazonas.

A expansão geographica da colonia, na Capitania do Pará, teve rapido incremento. Expulsos, ou pelo menos, inutilizados os hollandezes e inglezes, prepostos de duas poderosas companhias de exploração do Amazonas, a primeira presidida pelo burgo mestre de Flessingue e a outra ingleza, constituida pelo duque de Buckingham e pelo conde de Penbroke, nas constantes investidas á colonia, ficava agora aos portuguezes tempo para o cuidado e desenvolvimento da capitania, uma vez que o perigo extrangeiro tinha diminuido sensivelmente.

Assume o Governo do Estado do Maranhão e Grão Pará, Jacome Raymundo de Noronha, em 9 de Outubro de 1636. No anno seguinte apparecem inesperadamente em Belem dous leigos franciscanos hespanhoes, acompanhados de 6 soldados; vinham dos confins do grande rio, tendo sahido de Quito para a provincia dos encabellados, no rio Aguarico ou do Ouro, com diversos emissarios de sua ordem, fazendo parte de uma expedição incumbida de explorar aquellas regiões sob o commando de Juan de Palacios.

O que foi aquella desastrosa expedição, disseram-o elles ao chegar a Belem. O ataque terrivel e mortifero da immensa tribu dos selvicolas tresmalhou os que escaparam á dizima da expedição. Os que puderam fugir, fizeram-no, uns para Quito, novamente, outros deixaram-se ir, rio abaixo, chegando a Belem. A narração desses feitos, cahindo no espirito ambicioso de gloria de Jacome de Noronha, excitou-o a tentar novas conquistas. E, fixado nesse proposito, ninguem o demoveu da aventurosa empreza, não tardando que uma gran-

de expedição se organisasse em busca de novas regiões desconhecidas. Apenas desistiu elle de assumir o seu commando, por julgar inconveniente a sua ausencia do Estado para logar incerto e mui remoto. Mas seguro dos futuros resultados, commetteu o commando dos navios ao capitão Pedro Teixeira, substituto de inteira confiança sua, com a patente de capitão mór e general do Estado e plenos poderes para haver-se com independencia na perigosa commissão que ia desempenhar. Nomeou, como auxiliares do destemido argonauta, o capitão Antonio de Azambuja, mestre de campo; Felippe Cotrim, sargento mór; Pedro Favella e Pedro de Abreu, capitães de infantaria. E a expedição, mandada de São Luiz, chegou a Belem a 25 de Julho de 1637. Os habitantes de Belem, representados pela corporação municipal, deprecam ao governador o adiamento de tão ardua quão perigosa diligencia, pela justa razão de que a colonia não podia desfazer-se de suas forças, a a cada passo ameaçada aquella por invasões inimigas. A resposta exhortando a Camara a não perturbar com os seus pedidos as disposições da administração interna, fez cahir toda esperança de se suspender a viagem. E prepararam-se novos contingentes, augmentando-se-lhes não só mantimentos para os expedicionarios, como tambem material e petrechos bellicos, etc.

Nada foi esquecido; em Belem, não pequeno numero de indios frecheiros foi ainda reunido, engajados expressamente no Tocantins. E assim definitivamente organisada, partiu do porto de Cametá a expedição á cata de victorias e riquezas, a 28 de Outubro de 1637, em 45 canôas, com setenta soldados e mil indios. Nessa expedição regressaram á patria frei Domingos de Brieda e os seis soldados vindos de Quito. Foram assim, rio acima, até ao Alto Amazonas, entrando depois pelos rios Napo e Coca, em cuja margem esquerda desembarcaram na povoação hespanhola de Payamino. Por terra ganharam Baeza, na encosta dos Andes, e finalmente Quito, capital do Perú, onde os hespanhoes os receberam com grandes festas.

«No campo, diz Berredo, que fica 20 legoas abaixo do rio Aguarico, chamado do Ouro, mas ainda á vista da sua mesma bocca, resolveu Pedro Teixeira que era o sitio mais acommodado para fundar uma povoação que tambem servisse de balisa aos Dominios das duas corôas, conforme as instruc-

ções do seu regimento, e depois de concordar neste parecer toda a sua armada, mandou formar o auto de posse que se acha registrado nos livros da Provedoria de Belem do Pará e senado da Camara, aos 16 dias de Agosto de 1639».

Na volta tomaram a estrada de Archidona, cidade sobre o Napo, e por este rio attingiram o Amazonas, chegando a Belem a 12 de Outubro. Com elle vieram os jesuitas, frei Christobal d'Acuña, reitor do collegio de Cuenca, e frei André de Artieda, professor de theologia do Collegio de Quito e os mercenarios calçados, frei Pedro de la Rua Cirne, frei João da Mercê, o superior frei Affonso de Armejo e frei Diogo da Conceição, fallecendo estes dous ultimos em viagem. O magnifico resultado desta felicissima viagem produziu um grande contentamento e abalo nos moradores de Belem, que não pouparam, em todos os logares, manifestações de alegria para saudar e festejar tão audaz conquistador.

A importancia desta viagem influenciou largamente a colonisação, abrindo-lhe extensas vias de communicação n'um solo uberrimo e virgem. A capitania do Grão Pará extendia-se assim desmensuradamente; em 23 annos de existencia, attingia ella a vasta extensão de léste a oéste, até ás possessões hespanholas, de modo que nesse espaço de tempo já haviam sido fundadas e se achavam em começo de franco desenvolvimento, as povoações de *Vera Cruz*, estabelecida por Francisco Coelho de Carvalho, no rio Gurupi, em 1627; de *Souza*, por Alvaro de Souza, no rio Caetê; a *Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá*, por Feliciano Coelho, em 1635; *Mariocay* ou *Gurupá* e *Franciscana*, na confluencia do Aguarico com o Napo, por Pedro Teixeira, em 1638.

Até então nunca os portuguezes tinham passado além do Tapajós; após a viagem de Pedro Teixeira, expandiram-se elles pelo médio e alto Amazonas e seus affluentes, penetrando a selva de invencivel grandeza e pujança. O que foi essa expedição e seu alto resultado politico, attesta-o hoje a grandiosidade territorial do Brazil, na sua mais ampla zona, que vae do mar ao actual posto fiscal de Tabatinga.

V

A indole pacifica dos indios do Pará e a sua adaptação ao ensino ministrado pelos missionarios. Cathechumenos transformados em mestres.

Vago e diffuso é o thema a estudar. A diversidade de tribus, cada qual com o seu caracter typico, com a sua indole e costumes peculiares, espalhadas por este vastissimo valle Amazonico, não permittiu que sobre esse assumpto algo de positivo se tivesse escripto. Entretanto, uma nota caracteristica, um signal geral e frisante é assignalado por todos os que delle se occuparam. Será assim desnecessario indagar directamente da indole pacifica dos nossos selvicolas, bastando conhecer sua cruel mortandade, praticada desde Caldeira de Castello Branco, até o seu captiveiro criminoso mantido até muito depois da instituição pombalina da Companhia das Indias Occidentaes. Victimas indefezas e submissas, as raças indigenas do Pará, fôssem ellas quaes fôssem, sujeitaram-se, soffredoras, aos conquistadores ávidos de fortuna á custa da vida desses pobres seres, mortos aos milhares.—Dil-o Andrés Pereira, em 1616, descrevendo a viagem de Caldeira, do Maranhão ao Pará, quando da fundação de Belem... «Fallando com o gentio que havia n'aquellas partes que facilmente com boa vontade asseitava nossa amisade, dizendo que nós hera-mos verdadeiros valentes». Continúa Simão Estacio da Sylveira, em 1618, dizendo que «o gentio da terra he brioso, engenhoso e em alguns polido mais que outro do Brazil muito facil e tratavel, que deseja e procura nossa amisade e nos entregão os filhos para os doutrinarmos com os quaes se deve usar toda a justiça e caridade e lhes conquistar os animos, porque nella estão cifradas todas as virtudes, e com ella mais que com as armas se conquista».

E foi assim que o indio, altivo mas indolente, mais tarde escravisado, começou por auxiliar com a força do seu braço e com o manejo de suas armas os conquistadores ávidos das riquezas fabulosas com que contavam. Da sua indole pacifica e passiva, o selvagem soldado, depois de auxilliar grandemente a expulsão de inglezes e flamengos, passou a ser remeiro, agricultor, pescador, caçador e servo, sahindo assim de seus braços o sustento dos colonos, o transporte das mercadorias, a colheita das drogas e especiarias, o fabrico dos generos, emfim todo o marerial necessario á vida da colonia e ás aventuras dos colonisadores. Em frente a estes, erguia-se a figura simples na forma, e mysteriosa no espirito, do jesuita.

Homens de profundo amor e abnegada dedicação á ordem que professavam, os jesuitas attrahiam a si os indios, promettendo-lhes nma liberdade que, embora ficticia, era muito mais supportavel que a escravidão brutal dos colonos. Inconteste, entretanto, é o facto de que se deve exclusivamente aos padres, não só a catechese religiosa, de que elles estavam incumbidos, como tambem, e sobretudo, o ensino da lingua portugueza aos selvicolas paraenses.

Internados pelo paiz a dentro, os religiosos tinham a preoccupação immediata de construcção, embora tosca, de uma ermida onde, ao lado do officio religioso, ministravam tambem a instrucção, embora rudimentar e restricta ao indispensavel, atravez das lições demoradas e próficuas do cathecismo christão. A docilidade do gentio não oppunha a mais insignificante barreira a esse trabalho dos religiosos, e por isso não poucos fôram aquelles que nascidos nas florestas amazonicas, recebendo de principio os sãs ensinamentos, não tardassem a apaixonar-se pela realidade da vida nova, cujas doutrinas receberam, e de discipulos que fôram, em começo, tornaram-se mestres; de catuchemenos que haviam sido, iam agora levar a palavra catechisadora ao seio de seus antigos companheiros, irmãos de sangue, consocios de aventuras, iguaes no infortunio e na ignorancia de que principiavam a emancipar-se.

VI

Onde foi a primeira fundação de Belem; como foi fundado o forte do Castello e como se edificaram as primeiras casas.

Entrando na foz do rio Pará, e sempre costeando terra, porque tal recommendava o Regimento que trazia para a jornada, Castello Branco não se enganára, trocando este pelo rio das Amazonas; trazia comsigo na qualidade de introductor junto aos indios, Charles des Vaux que com elles já entretivera relações, quando antes andára por estas terras.

Agindo assim, escrupulosamente e sem precipitação, foi que Francisco Caldeira, após observações, não só do littoral, como dos canaes do rio, encontrou um pontal de chão firme, igual ao da ilha de Marajó, que julgou mais apropriado para a povoação que ia fundar. Era uma peninsula formada á margem direita do rio Guamá, ao desembocar no Guajará. Esse ponto escolhido ficava a 6 leguas da barra do rio, cuja difficuldade de accesso era garantia de defesa para a nascente povoação; distava essa barra de um grau da Equinocial para o sul. A situação escolhida era, além de tudo, um tanto estrategica: alta e tendo duas faces para dois rios, collocada, como estava, no angulo formado pela barra de um rio em outro. Nesse pontal de terra mais saliente, Caldeira, desembarcando o seu pessoal, militar e operario, deu começo logo á construcção de um forte. Embora pequeno de proporções, não deixava este, entretanto, de ser cuidadosamente edificado. Bem sabia elle que inimigos rondavam aquellas paragens. Extrangeiros auxiliados pelos selvicolas, como elles erám, para não ter surprezas desagradaveis, como aliás para logo experimentou, construiu um forte de fórma quadrada, diz Jean de Laet, (1640), sobre um terreno rochoso, alto, de quatro a cinco braças acima do nivel commum das terras. Do lado do rio era elle guarnecido de *gabions*,

(cestões), entre os quaes estavam collocadas as peças de artilharia trazidas do Maranhão e os outros lados do forte eram munidos de uma muralha de pedra de duas braças de altura, com um fosso secco. Passava ao N., não longe do forte, cerca de sessenta braças, um profundo igarapé que desse lado concorria para sua defesa. Permaneciam ahi cerca de 300 portuguêzes, que se occupavam, quando havia paz, em plantar tabaco, cultivar canna de assucar e colher algodão. A installação, digamos definitiva, não só do forte e sobretudo deste, como tambem da habitação dos soldados, durára cerca de dois mezes, pois a 7 de março, Pedro Teixeira partira do novo forte construido, e por terra, em demanda de São Luiz do Maranhão, afim de levar a noticia auspiciosa da fundação da conquista a Jeronymo de Albuquerque.

Pequeno era, entretanto, o espaço interior do forte para alojamento supportavel de tanta gente. Naturalmente, a expansão forçava á fabrica de habitações fóra do recinto fortificado, e assim se iniciou a construcção de casas em torno do forte, dando desse modo começo a uma povoação que tendia pouco a pouco a augmentar. Nos «Intentos da jornada do Pará», Simão Estacio da Sylveira escrevia que «quanto aos particulares espero com favor de Dios ser de validade na fundação do novo posto na eleição do sitio e situação das ruas ao norte de boa largura com suas praças nobres, fabricas, arquitectura e fortificação de tudo pera commodidade fortaleza e nobreza da cidade».

Entretanto, a reliadade era bem outra, infelizmente, pois em 1653, 37 annos depois da fundação de Belem, esta apresentava um aspecto triste e desolador. Apezar de já dividida em dois bairros, suas ruas lamacentas, encharcadas pelas chuvas quotidianas, emprestavam á pobreza das casas mal cobertas de palha um aspecto deprimente e ridiculo. Para o lado do sul iniciára-se o arruamento, ao longo da margem do rio, por quatro ruas, cortadas por outras tantas travessas; para o lado do norte duas outras ruas longas iam ter aos dois conventos: dos frades capuchos de Santo Antonio, fundado em 1626, e dos frades Mercenarios, construido em 1640. Em torno da povoação e della afastadas, ficavam as aldeias dos in-

dios submettidos, nas quaes se iam buscar os arcos para a guerra e braços para o serviço dos colonos.

Assim, iniciada sob uma atmosphera bellicosa, em defeza de terras conquistadas que a cada passo eram invadidas por aventureiros pouco escrupulosos, a cidade de Nossa Senhora de Belem do Grão Pará não podia preoccupar-se com a sua primeira fundação, senão unica e exclusivamente nos meios faceis e promptos, rapidos e efficazes de se defender de aggressões possiveis, atacando, ao mesmo tempo, na legitima repulsa daquellas. Na colonização do Pará nada fez a metropole de novo e de importante. Esmagado sob o peso do jugo hespanhol, quando se tratou da fundação de Belem, Portugal assistia ao definhar do seu vasto poderio colonial e commercial. E foi com os seus proprios recursos, que eram nullos, que a povoação se ia lentamente adensando e congregando para mais tarde extender-se em construcções e habitantes, na permanente occupação, operada com o intuito de uma organização definitiva.

VII

Topicos biographicos de Francisco Caldeira de Castello Branco, Pedro Teixeira, Antonio Cochado e outros principaes personagens da fundação desta cidade.

Antes de esboçar, embora summariamente, os topicos biographicos das pessôas mais importantes que fizeram a conquista definitiva do Pará para a corôa portugueza, não será demais referir ligeiramente como ella se passou.

«A 13 de Dezembro de 1615 no forte de São Phellipe nas pousadas do capitão mór Alexandre de Moura, estando presentes o dito capitão mór» e mais as seguintes pessôas: Payo de Carvalho, Francisco Caldeira de Castello Branco, Diogo de Campos Moreno, Francisco de Frias de Mesquita, e Fructuoso Lopes, foi dito por Alexandre de Moura que «elle trazia em seus Regimentos que lhe passara o sr. Governador Geral Guaspar de Souza alguns capitulos que aly se lerão e continhão se fizesse a jornada do Gram-Pará e rio das Amazonas e se botassem delles os estrangeiros que aly residem . . . assentaram todos que o dito capitão mór mandasse fazer a dita jornada pela pessôa, que para isso lhe parecesse sufficiente, e que em nenhuma maneira fosse elle, porque não convinhà, o qual disse que ellegia a Francisco Caldeita de Castello Branco por capitão de dita jornada».

E assim ficou deliberado. Com elle vieram os capitães Alvaro Netto, Pedro de Freitas, Antonio da Fonseca e Andrés Pereira e os officiaes subalternos Gaspar de Macedo, Pedro Teixeira e Pedro Favella, piloto Antonio Vicente Cochado e alguns outros cujos nomes a historia não guardou.

Falemos de alguns delles, começando pelo capitão mór. São lamentavelmente desconhecidos os antecedentes do fundador da cidade de Belem, o logar e data de seu nascimento. Só

apparecem noticias delle de quando exercia o cargo de capitão mór do Rio Grande do Norte, de 1612 a 1614. Dahi passou a pertencer aos regimentos de Pernambuco, devendo ter vindo na expedição mandada d'alli para o Maranhão, afim de expulsar os francezes de São Luiz.

Tendo por ponto de partida a Capitania de Pernambuco, essa armada, de que era capitão mór Alevandre de Moura, vindo á conquista do Maranhão, largou do Recife n'uma segunda-feira, aos 5 de Outubro de 1615. Expulsos os francezes, tratou-se da occupação do Grão-Pará e de sua defeza contra os estrangeiros, expulsando-se-os tambem dalli. Attingido o ponto escolhido por Castello Branco, onde seria localisado todo o pessoal da expedição, foi o portuguez Antonio de Deus o primeiro homem que saltou em terra. Quanto ao caracter de Casteilo Branco, dizem os factos narrados pela historia que elle era violento e injusto, bastando citar o caso do assassinato do capitão Alvaro Netto pelo capitão Antonio Cabral, sobrinho do capitão mór, para se julgar do pouco caso que este ligava á cousa publica e da humanidade. Commettido o crime sem motivo que o justificasse, foi o seu sobrinho escandalosamente protegido, apezar da antipathia que lhe votava a colonia, e essa clamorosa injustiça provocou uma sublevação da parte dos officiaes, de que resultou a sua deposição, sendo mettido a ferros, em 14 de Setembro de 1618, e em maio do anno seguinte remettido preso para Lisbôa, onde morreu na prisão.

Alem disso, o máo instincto era a caracteristica dos seus ruins sentimentos, pois só a vaga suspeita de que os tupinambás se queriam revoltar, foi sufficiente pretexto para exercer contra elles as maiores crueldades, entre as quaes as inauditas, de os fazer amarrar pelas pernas a duas canôas postas em movimento, remadas em sentido contrario. Autoritario e grosseiro, não soube grangear a estima ou a simples tolerancia dos colonos, ao contrario do que succedia com a victima do seu sobrinho assassino, cujas sympathias eram geraes. Pedro Teixeira é o verdadeiro heroe da colonisação do Grão-Pará. Após Castello Branco, cujo valor principal consiste apenas em ter sido escolhido para o logar de capitão mór de conquista do Pará, é Pedro Teixeira a figura mais simpathica, mais cavalheiresca e mais ousada de toda a primeira jornada da fundação de Belem.

Vindo como alferes, em 1616, é elle encarregado por Castello Branco de levar ao Maranhão a noticia da fundação de Belem, o que fez, por terra, e voltando dalli por mar, trouxe reforço de pessoal e de munições bellicas para a nova colonia. Em 1619 era elle membro do triumvirato governativo que succedeu ao dumvirato anterior, e por fim, em Maio de 1620, assume o cargo de capitão mór da Capitania do Grão-Pará. (Vide These III).

Antonio Vicente Cochado foi o piloto mór do descobrimento do Pará, dil-o o capitão Andrés Pereira, vindo, portanto, com Castello Branco. Antes, porém, servira de piloto na costa da Bahia, em 1610. Quando Alexandre de Moura viera de Pernambuco ao Maranhão, em 5 de Outubro de 1615, fôra elle encarregado de pilotar a caravela N. S. da Candelaria.

Do Maranhão passou, como já vimos, ao Pará, como piloto da expedição Castello Branco; e terminada a conquista, fundada a povoação de Belem, foi elle encarregado, bem com os capitães Andrés Pereira e Antonio da Fonseca, em commissão de Caldeira, de «levar aviso a sua Magestade, depois de terem feito a fortaleza». Da metropole veio ainda Cochado ao Pará por duas vezes. E o alvará de 27 de Junho de 1620 deu-lhe a mercê de patrão mór da ribeira e juiz dos calafates de Pernambuco, mercê essa conquitada por muitos e reaes serviços.

Mais tarde foi ao rio das Amazonas, e em 1624, a 12 de Dezembro, foi novamente nomeado para o mesmo logar que occupava em Pernambuco.

André Pereira Themudo ou Andrés Pereira, como assigna a sua *Relação do que ha no grande rio das Amazonas novamente descoberto*, viera com Castello Branco, e embora não fôsse elle o encarregado do roteiro da jornada, parece ter sido, entretanto, o seu chronista official, produzindo uma chronica que pecca por prolixa no começo, e confusa ao terminar.

A elle devemos, com o testemunho da partida de Castello Branco do Maranhão para a fundação de Belem, a fixação definitiva da data desta, afastando qualquer outra má interpretação ou traducção de algum coevo texto illegivel.

Foi elle encarregado, com Vicente Cochado e Antonio da Fonseca, capitão de infantaria, de levar a noticia da funda-

ção de Belem, para a Côrte. O ultimo, porém, não chegou até lá, por haver ficado na ilha Terceira.

Pedro Favella, natural de Pernambuco, é outra figura varonil e guerreira, sympathico e destemido companheiro de victorias de Pedro Teixeira, com quem perseguiu os hollandezes fortificados no sitio Mandiutuba, no rio Xingú, sob o commando do capitão Hosdam. Este conseguiu fugir, mas perseguido sempre, acabou perecendo na lucta, cuja victoria coube a Pedro Teixeira e Pedro Favella, que com perigo de vida se embrenhou na floresta, no encalço do inimigo.

A'vido de escravos e temendo contrariar ordens régias positivas contra o captiveiro dos indios, Bento Maciel Parente encarrega Pedro Favella, em 1626, da missão reservada de resgatar indios e conduzil-os á colonia, servindo de pretexto a necessidade de atacar os estrangeiros que se tinham retirado sobre Gurupá.

Em 1627 é elle encarregado do commando da expedição ao rio Pacajá, no Tocantins, com o fim ostensivo de restabelecer a obediencia dos indios que se haviam revoltado. Entretanto, essa missão foi improductiva, pois alli não logrou nenhum resgate. Em 1629 Pedro Favella commanda uma expedição á ilha dos Tucujús, cujo forte foi sem grande delonga destruido. Em 1630 novo ataque aos inglezes estabelecidos na mesma ilha, e em começo do anno seguinte o inimigo entrega-se a tão aguerridos quanto justamente victoriosos combatentes. Dahi passara Favella para o forte de Gurupá, cuja guarnição do presidio commandava.

Fôram estas, pois, as figuras de maior destaque, as primaciaes personagens que assistiram á fundação da cidade de N. S. de Belem do Grão-Pará, e que para ella concorreram do modo mais efficiente, com o sangue generoso derramado pela nova conquista, desperto o espirito, levantado o coração, requintado o valor, para fazer della um trophéo glorioso a clamar aos seculos porvindouros o seu arrojo inabativel e a sua bravura indomavel.

VIII

As principaes igrejas de Belem; conventos e ordens religiosas estabelecidas no Pará e sua influencia na nossa civilisação.

Precavido a muitos respeitos, o organizador da jornada ao Pará premunira-se com o acompanhamento de sacerdotes, não só para o bom exito da expedição, como tambem para a pratica por elles, continuadamente, do serviço divino, na qual os conquistadores tinham a maxima confiança. Assim é que vieram com Francisco Caldeira de Castello Branco dois frades capuchos de Santo Antonio: fr. Antonio da Merciana e fr. Christovão de São José. Não descuraram estes de erigir, á medida em que progredia a construcção do forte, e dentro do seu recinto, uma pequena ermida, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, sendo esta a primeira casa de Deus que surgiu em meio do novo povoado, sagrando a sua fundação.

No anno seguinte ao deste assignala o evento, os capuchos de Santo Antonio fundaram um pequeno hospicio no sitio chamado Una, e em 1626, em Belem, o convento com a sua capella ao lado, para o serviço divino. A actual igreja de Santo Antonio, data, porém, de 1736 a 1743.

Junto, ou melhor, nas proximidades da primeira ermida, foi construida outra igreja, que posteriormente tomou o nome de *Santo Alexandre*, sendo terminada em 1660. Foi ella o collegio dos padres da Companhia de Jesus, até á expulsão destes, em 1760, quando ficou abandonada, sendo entregue á irmandade do Santo Christo, até 1790, e por fim transferida esta para a igreja das Mercês.

Cahida em abandono, foi a igreja de Santo Alexandre restaurada e solemnemente benzida no dia 26 de Fevereiro de 1863. Nella jaz sepultado o capitão mór do Grão Pará, José Velho de Azevedo, ahi inhumado em 24 de Fevereiro de 1724.

Era um dos mais ricos templos do Pará, como attestam ainda hoje o seu altar mór, todo em madeira esculpida, e o seu pulpito bem talhado, de onde a voz portentosa do grande apostolo e orador sacro, o immortal Antonio Vieira, o *gentium dux*, fez maravilhas de submissão a lei de Deus.

A igreja do *Carmo*, erigida pelos padres carmelitanos, e na actualidade a terceira das que ahi foram fundadas, construida a actual em 1776. Cahida em abandono, foi em nossos dias restaurada.

A igreja das *Mercês* deve ter sido começada quando aqui chegaram os primeiros mercenarios, em 1640, com a expedição de Pedro Teixeira, de volta de Quito, vindo com elle os religiosos mercenarios fr. Pedro de la Rua Cirne e fr. João da Mercê. Em 1852 servio de matriz da parochia de Sant'Anna, por estar em concerto a respectiva séde parochial. Durante o episcopado de D. Antonio de Macedo Costa fechou suas portas ao culto, sendo, porém, restaurada actualmente pelo sr. Arcebispo D. Santino Coutinho. Sua construcção é caracteristica e a sua fachada é a mais artistica de todas as igrejas de Belem. Conservaram-se nella varios quadros de pintura religiosa de valor bem apreciavel, hoje dispersos e desapparecidos.

A *Cathedral* de Belem teve a sua primeira pedra collocada a 3 de Maio de 1748, sendo bispo D. Fr. Guilherme de São José, 2º bispo da diocese do Pará, que presidiu ao acto da benção. E', incontestavelmente, a melhor e mais rica das construcções sagradas. Grandiosa nas suas linhas architectonicas, é um dos mais bellos templos do Brazil. Em 1775 estava ella edificada até á capella mór. Em seu logar foi instituida a capella da freguesia de Nossa Senhora da Graça, que tendo cahido em abandono, foi substituida pelo templo actual, magestoso, severo e imponente. Durante a sua construcção servia de Sé a igreja de São João Baptista.

E' notavel sob todos os aspectos. Restaurada completamente, foi reinaugurada em 1892, tendo sido iniciados esses trabalhos por D. Antonio de Macedo Costa. Nella se vêem valiosissimas obras d'arte, entre as quaes os incomparaveis marmores offerecidos por Pio IX e as opulentissimas pinturas de De Angelis.

A igreja de *Nazareth*, cuja origem remonta ao principio do seculo XVIII, consistia numa modesta capella de Antonio Agostinho; mais tarde, construiu-se a segunda ermida, em 1730, realisando-se o primeiro cyrio a 8 de setembro de 1793, quando governador e capitão general Francisco Luiz Coutinho; a terceira ermida foi começada em 1799, terminada no anno seguinte, e aberta ao publico em 1802, tendo sido augmentada de um alpendre em 1838. Depois, em 1850, é começada a primeira igreja, na qual actualmente se celebram os serviços divinos. Apesar das suas avantajadas dimensões, carece de gosto artistico, e foi ha tempos votada a substituição por um formosissimo templo—basilica, actualmente em construcção adiantada.

A igreja de *São João Baptista* é um pequenino templo, no largo de seu nome, construida em 1777; alli esteve a freguesia de Nossa Senhora da Graça, desde que a sua primeira capella cahiu em ruinas.

A igreja de *Sant'Anna*, cuja construcção foi iniciada em 1761, como freguezia do chamado largo da Campina, importante parochia, tem a construcção em forma de cruz grega, com muito caracter. Um grande zimborio revestido de laminas de cobre irrompe d'entre as suas torres que terminam em terraço.

A pequenina igreja do *Rosario* (dos brancos), situada em meio á praça do Carmo, e em frente ao antigo convento carmelitano, jaz abandonada.

A igreja do *Rosario* (dos pretos) entregue, desde a sua construcção, em 1725, a uma confraria de homens de côr; a terceira das edificadas ahi foi terminada com auxilio pecuniario votado pela assembléa provincial, em 1858. E' hoje séde da parochia da Santissima Trindade, cujas obras de ha muito se acham paradas.

Igreja da *Santissima Trindade*, construida em 1802, sendo sua parochia creada em 1840. Submettida a restauração, tendo alterada e embellezada a architectura geral, fôram suspensos os respectivos trabalhos. Ha além dos templos enumerados, varias capellas, sobretudo de estabelecimentos dirigidos por irmãos religiosos. As ordens religiosas e seus respectivos conventos immiscuiram-se na vida da nova cidade, fundada em 1616, e desde o inicio desta.

Já em 1611 o convento da ordem dos franciscanos, fundado em São Luiz do Maranhão, por barbadinhos francezes da provincia de Paris, cujo chefe era Claude d'Abeville, foi em 1614 occupado pelos franciscanos denominadas Antoninhos da Conceição da Beira e Minho; denominaram-se tambem capuchos do Maranhão e Pará, dependendo do superior de Portugal.

Entre elles, por causa de divisões de provincias, houve profunda dissenção, vindo, finalmente, os do Maranhão fundar no Pará o Hospicio de São Boaventura, onde hoje está o Arsenal de Marinha, e tendo daqui recolhido novamente ao Maranhão, em 1759.

O convento de *Santo Antonio*, da ordem dos frades capuchos de Santo Antonio, já fundado em Junho de 1626, logo que aquelles deixaram o seu hospicio, erecto em Agosto de 1617, no sitio do Una. Em 1777 foi reedificada uma parte do convento.

Convento das *Mercês*, pertencente á ordem desse nome. Esta ordem monastica dos mercenarios foi fundada no Brazil por fr. Pedro de la Rua Cirne e mais um companheiro, fr. João da Mercê, que vieram de Quito com Pedro Teixeira, em 1639. Fôram elles mesmos que no anno seguinte fundaram tambem o convento do Pará. Não ha certeza das origens dessa ordem. Meras supposições, apenas, auctorizam a crêr que os conventos do Maranhão e os de Quito, como os de toda a America hespanhola, onde havia oito provincias independentes, procedem da provincia de Andaluzia, na Hespanha.

Com a independencia de Portugal do jugo da Hespanha, ficaram elles impossibilitados de permanecer aqui, sendo por isso confiscado e tomado o seu convento no Pará. Em 1648 D. João IV restituiu-lhes o convento. Em 1794 transferiram-se elles para os conventos da sua ordem no Maranhão, de accordo com o aviso de Martinho de Mello e Castro, secretario dos negocios de Marinha e dominios ultramarinos, expedido a 24 de Março desse anno, mandando tambem sequestrar aqui todos os seus bens. Com esse sequestro passou o convento para a posse do governo, que o adaptou aos serviços da Alfandega, hoje ainda ahi installados.

Em 1653, ao fundarem os jesuitas o seu convento de

Santo Alexandre, existiam apenas em Belem os conventos de Santo Antonio e dos Mercenarios.

Em 1660 estava concluida a igreja da ordem. Ahi residiram os padres da Companhia de Jesus, sendo afinal expulsos pela lei de 3 de Setembro de 1759.

Os conventos da ordem *Carmelitana* calçada, que estavam sujeitos ao superior, na Europa, eram os da Vicaria do Maranhão, dependente da provincia de Lisbôa, e comprehendia em sua jurisdicção os conventos do Pará. Extinguindo-se as ordens religiosas em Portugal, ficou acephala esta Vicaria, que se manteve, todavia, embora irregularmente, nunca procurando solicitar da Sé breves que a desligassem de Portugal, formando provincia separada ou unindo-a a qualquer das provincias carmelitanas do Brazil. Já em 1626 elles tinham no Pará um convento. Com as dissensões entre os religiosos, sobreveio a separação dos do Maranhão. Por uma decisão da Nunciatura apostolica, de 24 de Abril de 1838, e Beneplacito Imperial de 29 de Maio desse mesmo anno, foi incorporada á Provincia Carmelitana do Rio de Janeiro.

Em 1851 desligava-se dessa provincia, ficando sujeitos, a jurisdicção da diocese. O governo da provincia ficára encarregado do inventario de todos os bens do patrimonio do convento.

Em 1853 o convento do Carmo servio de quartel ao 11º batalhão de linha. Em 1863 o seu aspecto era desolador pelo abandono.

O convento construido em 1626 fôra uma casa doada pelo capitão Bento Maciel Parente. Em 1696 fez-se novo convento de taipa e pilão, e em 1708 levantou-se o actual, que ficou incompleto e muito irregular.

O convento da ordem dos religiosos da Piedade foi construido em 1749, achando-se então, aquelles já no Pará, desde 1693, e senhores do hospicio de Gurupá. Era esse o unico convento construido longe d'agua, emquanto que os demais o eram á beira desta. Passava perto o igarapé da Comedía dos peixes-bois, em cuja foz esteve o convento de São Boa Ventura; com a construcção do convento, esse igarapé tomou o nome de igarapé São José. O desenho da sua fabrica é delineado segundo o estylo dos Jesuitas, e a execução ficou incompleta

Os religiosos da Piedade retiraram-se em 1759 para Portugal, *ex-vi* do aviso de 5 de Fevereiro de 1858, em virtude do seu comportamento em desaccordo com os deveres da ordem e da doutrina christã. Esse convento de São José passou por varias vicissitudes: foi quartel do corpo de artilharia, depois do esquadrão de cavallaria, mais tarde de deposito de polvora; em 1707 houve alli uma olaria, e desde 1843 serve de cadeia publica.

A prohibição do governo contra a existencia de ordens monasticas determinou o completo desapparecimento desses religiosos. Mas, incontestavelmente, muito fizeram elles pelo progresso do Pará. Tirando o maior proveito proprio da ignorancia do povo, explorando e usufruindo a credulidade e a producção dos indigenas, fundaram, entretanto, varias povoações pelo interior da antiga capitania.

Quando versarmos a these X, diremos o que foi feito por varias ordens religiosas aqui estabelecidas ao tempo de colonia.

A elles, religiosos, estivera entregue a instrucção e a educação dos habitantes do Pará até muito depois da fundação de Belem.

Não só se empregaram na catechese, como missionarios, como tambem no ensino da lingua patria e da moral do evangelho.

IX

Evolução da escola primaria desde a colonia até nossos dias.

Mais de um seculo havia já decorrido desde a sua fundação, e a Capitania do Pará não possuia ainda regularmente um instituto, uma casa modesta, uma simples aula, emfim, na qual se ministrasse qualquer ensino util, de ler, escrever, contar, ou outra rudimentar disciplina instructiva de que eram dignos os pobres habitantes d'esta grande terra que lentamente evoluia.

Era possivel que a preoccupação dos missionarios catechisadores, ao em vez de ensinar os seus idiomas, aprendessem, ao contrario o dos catechumenos, afim de melhor conseguirem os seus interesseiros fins. Seria possivel, tambem, que os indigenas catechisados aprendessem a palavra civilisadora dos europeus que se internaram nas florestas, em busca de almas convertidas, de ouro e de especiarias. O que é facto, entretanto, é que só em 1734 vêmos os religiosos Mercenarios fundando um pequeno hospicio, a pedido da Camara Municipal, para que fôssem ensinadas aos filhos dos moradores, além da leitura e da escripta, as quatro operações fundamentaes da Arithmetica, a Grammatica, o Latim, Philosophia, Theologia e Solfa.

N'esse mesmo anno os religiosos Carmelitas fundam tambem, na villa da Vigia, uma pequena igreja, e congregadas todas essas energias e reunidas em um só ponto, o Governador e capitão general do Estado pedia aos paes de familia que entregassem áquelles a instrucção e educação de seus filhos.

Mais tarde, o jesuita Gabriel Malagrida funda em Belem um seminario para a educação dos filhos dos habitantes da cidade, não se conhecendo até então, uma só escola digna de registo. Para o estabelecimento de seu seminario obteve elle a doação de uma casa, 200 vaccas, uma porção de terras e algumas esmolas. Era situado na rua do Açougue, da banda do

Convento dos Capuchos de Santo Antonio, extinguindo-se porém, dous annos após a sua fundação. A semente do bom fructo estava lançada; parecendo a principio perdida, não tardou, todavia, a germinar; e o alvará de 20 de Maio de 1751 auctorizou o 3.º bispo do Pará, Dr. Fr. Miguel de Bulhões, a estabelecer um seminario ecclesiastico, com sujeição ao ordinario, installado no convento dos padres da Companhia de Jesus, sendo estes encarregados da sua administração.

E emquanto se tratava da educação a esse tempo elevada dos ricos e fidalgos, a classe dos habitantes desprotegidos da sorte vivia ao abandono. Mas por força da lei de 15 de Junho de 1752 é imposta aos Missionarios a obrigação de ensinar os indios a ler, escrever e falar a lingua portugueza. A datar d'ahi, o ensino primario, partidas as peias que restringiam a determinadas pessôas o privilegio de aprender, tomou o seu primeiro impulso evolutivo normal, para chegar até nós multiplo, methodico e salutar. Depois d'essa lei liberal, que obrigatoriamente fez distribuir a luz da instrucção aos indios ignaros, o numero de collegios augmenta lentamente. E' assim que a Carta Régia de 11 de Junho de 1761 creou o collegio secular de Gurupá, no hospicio que fôra dos religiosos da Piedade, para a educação dos filhos de gente nobre d'aquelle littoral, em cuja classe eram incluidos os filhos dos principaes, dos capitães, sargentos-móres e dos capitães das povoações dos indios. Pouco tempo depois o Senado da Camara Municipal de Belem expedio uma copia do alvará com força de lei de 10 de Novembro de 1772, que mandara deduzir de cada cabeça de gado bovino uma pataca para o subsidio litterario. O movimento lento e gradativo, para melhorar sempre a diffusão do ensino, accentúa-se progressivamente. N'esse mesmo anno fechava-se o collegio dos filhos dos nobres, installado na parte mais nova do Convento que fôra dos Jesuitas, visto como aquelles não quizeram aproveitar-se da respectiva regalia, parte esta, assim vaga, que foi transformada em residencia episcopal.

Em 1782 a decadencia do ensino primario da villa da Vigia é uma triste realidade. Não obstante haver começado com grande animação, chegada aquella data, a Camara queixava-se ao Governador de que aquelle municipio necessitava de sacerdotes, não tendo quem ensinasse os jovens a ler, escrever

e contra, como succedeu no tempo dos jesuitas, cujo progresso fôra notorio. Além d'isso os proprios Mercenarios, que se comprometteram a cuidar da educação dos filhos dos moradores, começavam já a abandonar a villa, e em peior situação que a da Vigia estava toda a Capitania do Pará. Dil-o D. Fr. Caetano Brandão, ao visitar, em 1787, a sua vasta diocese: «As povoações na ultima decadencia, as leis divinas e humanas calcadas aos pés, as igrejas em uma prodigiosa nudez e desamparo, e os indios summamente desgostosos.» Como cuidar da instrucção? Vê-se, pois, por esse quadro, o que de desolador havia por todo o Estado. Já se fazia sentir a falta das missões e os indios voltavam novamente ao triste estado de escravatura.

La Condamine, entretanto, escreveu em 1745, dizendo quão prospera estivera a Capitania n'essa epocha, promovendo os missionarios a educação religiosa e o bem estar dos selvicolas. Em 1752, quando mendonça Furtado creou a villa de Ourém, agrupou, augmentando o numero dos habitantes que já alli existiam, mais 160 indigenas, tomados a diversos contrabandistas. N'esse momento não se esquecia elle de estabelecer n'aquelle afastado ponto uma escola de lingua portugueza, para as crianças d'aquella região.

Havia mister de uma salutar reacção a um tal estado de desidia, e esta não se faz esperar. A Carta Régia de 2 de Maio de 1778 creou a escola de Chaves; a de 12 do mesmo mez e anno creou as escolas de Ourém e Oeiras, e pela de 12 de Maio de 1798 são creadas as escolas de Melgaço, Portel, Cintra, Curuçá, Monsarás, Cachoeira, Muaná, Mazagão, Alemquer, Faro, Porto de Moz e Gurupá. A Carta Régia de 28 de Fevereiro de 1800 creou em Belem as seguintes aulas: Rhetorica, philosophia e latim, assim como d'esta matéria em Cametá e outra na Vigia. No bairro da Campina, em Belem, e na cidade de Santarém fôram tambem creadas aulas de latim, no primeiro, pela Resolução do Conselho do Governo, em 11 de Maio de 1831, e na segunda, no mesmo anno e pelo mesmo Conselho, de accordo com a Carta Régia de 28 de Fevereiro de 1800 e portaria de 3 de Abril de 1822.

Em virtude d'esses dous actos fôram creadas escolas de

instrucção primaria em Igarapé-miry, Cametá, Santarém, Macapá, Monte Alegre, Bragança, Obidos e Vigia. Como se vê, não se perdera a substanciosa semente da instrucção publica primaria no Pará. E assim ella se dilatou, ampliando-se pela definitiva installação em todas as cidades, villas e povoações.

Em 1833 fundaram-se no antigo Convento de Santo Antonio duas escolas, uma gratuita, de grammatica latina, ensinada pelo venerando fr. Antonio de Santa Thereza, e outra de ensino mutuo pago pelo thesouro provincial. Apezar de tudo, até mesmo do terrivel flagello que foi a cabanagem, que tudo destruiu, a instrucção publica renasce mais forte e prospéra.

Em 1839 iniciam-se os trabalhos da Assembléa Legislativa, e a sua 33.ª lei, de 30 de Setembro, lança a idéa da creação de uma Escola Normal, auctorizando a engajar na côrte do Imperio algum alumno mestre de Escola alli creada, ou a mandar applicar-se n'ella algum paraense que dê provas de capacidade e applicação.

Mas, infelizmente, o descuido humano, tão peculiar á nossa raça, deixou que sobre tão benefica auctorisação, corressem estereis os annos, até que Machado Portella, auctorizado por lei, em 1871, crêou uma Escola Notmal, destinada para a devida preparação, a todas aquellas pessoas que se destinassem ao magisterio primario.

E d'essa fonte de luz e de saber, de perseverança, de fé e de trabalho, tem jorrado até hoje e cada vez mais, essa onda inexhaurivel do preparo de escolas, que tanto tem levantado o valor moral, intellectual e civico do Estado do Pará.

E a escola primaria progrediu desde essa data, e continúa a affirmar a sua força evolutiva na instrucção intensiva da juventude, com real efficiencia didactica, graças á paternal assistencia do poder publico, velando carinhosamente por ella, a despeito de toda a eventual inopia do seu erario, e ao devotamento sempre provado d'esses abnegados e tantas vezes desconhecidos apostolos do ensino o que são os seus professores titulares.

De 1840 a 1870, de cinco em cinco annos, o numero de escolas cresceu de 35 a 107; em 1872 havia 192; em 1874, 247 e em 1876, 262, gastando-se n'este anno 353:040$000 com a instrucção publica.

Em 1899 fez-se uma sabia reorganisação do ensino primario. De 1900 a 1907 funda-se o systema dos grupos escolares em varias villas e cidades do interior, onde a população infantil haure a luz da vida que é o saber. Em 1906 o Pará possuia 565 escolas primarias, e no anno seguinte 27 grupos com um total geral de 23.327 alumnos de frequencia.

Até hoje nenhum dos Governantes tem poupado esforços ou medido sacrificios para manter, dentro do necessario, a instrucção popular, já na preparação integral dos professores, aperfeiçoando-lhes os estudos e as disciplinas, apurando os seus conhecimentos e aptidões pedagogicas, já cercando as crianças de tudo que lhes é indispensavel para o estudo, desde a parte material da installação, até á escolha escrupulosa dos livros didacticos e a disciplina moral do espirito, de feição a fazer d'elles sêres bons e honestos, uteis á patria e á humauidade.

X

Historia da fundação das principaes cidades do Pará, destacando o nome de seus fundadores, o logar dos primitivos estabelecimentos e o seu nome indigena.

E' grande o numero de nossas cidades e villas principaes espalhadas pela vasta extensão do territorio paraense.

Enumeral-as-emos por ordem alphabetica, acompanhando cada uma de ligeira noticia historica, visto como, se adoptassemos a ordem chronologica, o desenvolvimento desta these tornar-se-ia por demais prolixo sem proveito apreciavel.

Acará, villa situada á margem esquerda do rio de seu nome. Já era freguezia quando em 1758 o Governador capitão General Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em observancia á lei de 6 de Junho de 1755, elevou-a á cathegoria de villa e séde do Municipio.

Afuá, cidade á margem direita do rio de seu nome. Diz Ferreira Penna, que «com este nome, que não é indigena nem portuguez, existe uma nova povoação na ponta de uma ilha, na margem direita e oriental do rio Afuá. Assentando quasi toda em terreno alagadiço que, com a maré de enchente se cobre d'agua, esta povoação é caracteristica do genero que lhe deu a existencia — a industria da borracha. «E' séde do Municipio. Foi freguezia em 1874, villa em 1890 e cidade em 1896.

Alemquer, cidade. Em fins do seculo XVII os padres capuchos da Piedade, estabelecendo-se á margem do rio Curuá, confluencia com o rio Itacarará, pouco acima de sua foz, attrahiram e concentraram nesse local os indios da região, formando assim uma aldeia, á qual puzeram o nome de Arcozello. Mas, a sua difficil communicação, pois que na estação secca não havia agua bastante, conjugada com a endemia de febres

palustres, determinou a mudança da séde dos capuchos para outro local sadio e farto, onde, com auxilio dos indios do rio Trombetas, fundaram a aldeia de Surubiú; veio esse nome a ser dado ao nucleo, pelo facto de ficar á margem do então rio Surubiú, actualmente igarapé de Alemquer. A fundação da aldeia de Surubiú localizou-se em 1729. No dia 20 de Março de 1758, Mendonça Furtado, em viagem ao alto Amazonas, e por ahi passando, deixou de erigir em villa a aldeia de Surubiú, por não saber o numero de seus habitantes.

Foi mais tarde elevada a essa cathegoria, que o Conselho do Governo em Maio de 1833 supprimiu, e que em Junho de 1848 foi restituida, sendo installada em 11 de Janeiro do anno seguinte, e em Junho de 1881 elevada a cidade; é séde do Municipio.

Almeyrim, villa situada á margem esquerda do rio Amazonas. Fôra uma aldeia fundada em fins do seculo XVII pelos frades capuchos da Piedade, com indios do rio Parú. Essa aldeia se congregou perto do forte do Parú, mandado edificar com o nome de Desterro, por Bento Maciel Parente, em 1638, forte que foi reedificado por Manuel da Motta e Sequeira depois de 1697. Mais tarde, a 22 de Fevereiro de 1758, Mendonça Furtado chegou áquella fortaleza do Parú, elevando á cathegoria de villa a aldeia desse nome, com a designação de Almeyrim, e como junto havia uma outra aldeiota chamada Aracaty, elle reuniu-as em uma só. E' séde do Municipio.

Altamira, villa situada á margem esquerda do rio Xingú.

E' moderna, pois foi creada villa, séde do Municipio, pela lei estadual n. 1.234, de 6 de Novembro de 1911.

Anajás, cidade, séde do Municipio, situada defronte da bocca do rio Mocoões, affluente do rio de seu nome.

Era Mocoões o seu primitivo nome; elevada á cathegoria de villa em 1869, apesar de não satisfazer as exigencias da lei, assim ficou, até que foi relaxada em 1878, sendo lhe restituido aquelle predicamento em Março de 1880, e novamente relaxada em 1882. Em novembro de 1885 consegue rehaver a primeira cathegoria, sendo, finalmente, elevada á de cidade em Julho de 1895.

Aveiro, villa situada á margem direita do rio Tapajós.

Foi creada com essa cathegoria em 1751, pelo governador José de Napoles Tello de Menezes, quando era apenas a antiga freguezia de N. S. da Conceição. Supprimida aquella cathegoria em 1848, foi-lhe restituida em 1883 e reinstallada no anno seguinte. E' séde do Municipio.

Bagre, villa e séde do Municipio, situada na parte S. da ilha do seu nome, nas proximidades da foz do rio Panaúba. Foi elevada a essa cathegoria em Outubro de 1890.

Baião, cidade e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Tocantins.

O primeiro estabelecimento ahi fixado data de 1694. Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, Governador e capitão general do Estado, querendo povoar e desenvolver a capitania de Cametá, concedeu a Antonio Baião, portuguez, trabalhador e activo, uma sesmaria de terras n'aquella capitania, com a condição de, no estabelecimento, construir uma casa decente; e foi o local em que está a actual cidade, que Baião escolheu para a sua sesmaria. Sob o governo de Fernando da Costa de Athayde de Teive, Manoel Carlos da Silva, capitão d'aquelles districtos e director dos indios, teve ordem do governador para fundar alli um logar, o que elle executou em 30 de Outubro de 1769, sob o nome de Logar de Baião, fundando uma povoação com 30 indios. Em 1833 o Conselho do Governo elevou-o á cathegoria de villa, com o nome de villa de Tocantins, installado em Agosto de 1834. Mais tarde, em 1841, foi-lhe restituida essa cathegoria, que tinha sido retirada, e em 1895 é elevada á cathegoria de cidade.

Bragança, cidade e séde do Municipio. E' talvez, depois de Belem, capital do Estado, a mais antiga de todas as cidades paraenses.

Pelo logar onde está edificada, passára em Março de 1616 o destemido Pedro Teixeira, que ia com destino a São Luiz do Maranhão, levar a noticia da fundação de Belem, cabeça da Capitania do Grão Pará. Nesse logar os indios Tupinambás, moradores do rio Caeté, atacaram-n'o, sendo, porém, vencidos. Em 1627, todavia, é que ficou definitivamente installada uma povoação á margem do rio Gurupy, sob o nome de Véra Cruz do Gurupy.

Em 1664 essa povoação de Vera Cruz foi transferida para a aldeia do Caeté, erguendo tectos no logar chamado mais tarde Vimioso. A povoação do Caeté, assim accrescida, recebeu a visita do Governador Ruy Vaz. Entretanto, já em 1632 as terras do Caeté tinham sido doadas por Gaspar de Souza, governador geral do Brazil, a um seu filho, tendo o logar o nome de Souza, em 1663, e nessa data elevado á cathegoria de villa. Em 1753, porém, sendo povoada de novo com ilhéos, tomou o nome de Bragança, dado pelo Duque de Bragança, ao subir ao trono de Portugal, após a evacuação dos Hollandezes, sendo então elevada novamente á cathegoria de villa, governando o Estado Mendonça Furtado.

Em Outubro de 1854 foi elevado á cathegoria de cidade.

Breves, cidade, séde do Municipio. Foi em principio um estabelecimento particular, que prosperou com o transito de canôas que navegavam entre o Pará e o Amazonas. A 19 de Novembro de 1738 D. João, Rei de Portugal, fez notar a sua carta de confirmação e sesmaria dada a Manoel Breves Fernandes, morador na missão dos Bócas, doando-lhe uma sorte de terras de duas leguas de comprido, por uma de largo no rio Parauahú. E foi esse morador que iniciou, com sua familia e mais alguns individuos, em torno da capella dedicada a N. S. Sant'Anna dos Breves, a cidade actual.

Cachoeira, villa e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio Arary.

Originou-se d'uma excellente fazenda do capitão-mór André Fernandes Gavinho. Obtendo uma carta e data de sesmaria, Gavinho escolheu para fazer sua casa de vivenda um logar fronteiro á pequena cachoeira que alli existe. Construiu uma bôa casa, igreja e dependencias necessarias. A fazenda prosperou. Em 1747 o governo portuguez, a pedido dos moradores, erigiu alli uma parochia, tendo por orago N. S. da Conceição. Mas não se tornou effectiva, por que os donos da fazenda a isso obstaram. Em 1791 os fazendeiros requereram que o logar fôsse elevado á cathegoria de villa, a que o proprietario do mesmo se oppoz tenazmente, e a pretenção cahiu. Mas o clamor não cessou, e o Governador Francisco de Souza Coutinho foi forçado a ir á ilha de Marajó, afim de executar

pessoalmente a ordem régia; nada conseguiu, porém, porque o proprietario da Cachoeira relutou e não cedeu aos rogos do Governador Capitão General.

Em 1792 este representou ao Ministerio a necessidade da creação de uma villa no centro da ilha grande de Joannes, propondo o logar da Cachoeira.

Em 1795 o Governador propõe que seja a villa fundada em terras das fazendas dos mercenarios expulsos. Em 1811 a Junta de Successão Provisional retoma a antiga proposta e a necessidade de uma villa appensando-lhe a planta do sitio escolhido, e nesse anno erige-se a nova villa de Marajó, erguendo-se um páo denominado Pelourinho, no sitio Santa Maria, margem esquerda do rio Arary. Não ficou ahi; em 1813 operou-se novo assento na nova villa de Marajó: é ella plantada na freguezia de Cachoeira, 8 leguas abaixo do primitivo sitio Santa Maria. Em 1816 passou a ser cabeça de comarca de ilha Grande de Joannes, havendo apenas nessa epocha 3 comarcas: a da Capital, a de Marajó e a do Rio Negro. Em 1833 o Conselho do Governo declarou que o termo da que é cabeça a freguezia da Cachoeira, para onde é transferida a villa de Marajó, perde esse predicamento. Vieram depois os tristes acontecimentos de 1835, e só em 1849 é que Cachoeira entra tranquilla e definitivamente na posse da cathegoria de villa; em 1877 é-lhe supprimida, para lhe ser restituida em Abril de 1880.

Cametá, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio Tocantins. E' uma das mais antigas cidades do Pará. Doadas aquellas terras tocantinas em Dezembro de 1633 por Francisco Coelho de Carvalho, 1º Governador e capitão-general do Maranhão, ao seu filho Feliciano Coelho, fundou este a povoação, dando-lhe o nome de villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá, no anno seguinte, no sitio do actual logar chamado Cametá Tapéra.

Felippe III, rei de Portugal, reconheceu essa doação. Em 1636 falleceu alli o pae do doador, sendo sepuldado na respectiva egreja. A 24 de Outubro de 1848 foi elevada á cathegoria de cidade.

Chaves, cidade e séde do Municipio, á margem septentrional da ilha de Marajó. Foi ella a antiga aldeia dos indios

Aruans, missionados pelos padres de Santo Antonio, sob cuja administração feliz e benefica, a aldeia, apezar de sempre ameaçada, é ás vezes mesmo atacada por selvagens a soldo ou serviço dos francezes de Cayena, chegou a um certo grão de prosperidade e importancia até o anno de 1757, quando foi elevada á cathegoria de villa por Mendonça Furtado. O conselho do Governo supprimiu-a, substituindo-lhe o nome pelo de Equador, tendo restituido o antigo predicamento em 1838. Em 1891 recebeu o predicamento de cidade.

Conceição de Araguaya, villa e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio deste nome, creada em Novembro de 1909. Foi fundada pelo missionario Dominicano frei Gil de Villanova, com os indios e novos moradores d'aquella região do alto rio Araguaya.

Curralinho, cidade, séde do Municipio, situada sobre uma varzea, na parte mais austral da ilha de Marajó, um pouco acima da foz do rio Canaticú. Foi primitivamente uma fazenda particular; a convite de seu proprietario, os visinhos edificaram alli diversas casas, e quando já sufficientemente povoado, foi o logar creado freguezia em 1865, sendo para ahi transferida a séde do Municipio de Oeiras, ao ser extincto este. Installada a villa em 1867, foi elevada á cathegoria de cidade em 1895.

Curuçá, cidade e séde do Municipio, situada na ponta formada pelos rios Curuçá e Curuçá-miry.

Foi primitivamente uma aldeia de indios tupinambás, para a cathechese dos quaes os Jesuitas fundaram ahi um collegio, sendo elevada á cathegoria de villa em 1758, por Mendonça Furtado, com o nome de Villa Nova d'El Rei; em 1833 esse predicamento foi retirado pelo Conselho do Governo, que lhe deu o nome de Marapanã; em 1850 esse nome foi supprimido, recebendo o actual, com o predicamento de villa, e installada no anno seguinte. Em maio de 1895 teve a cathegoria de cidade.

Fáro, cidade e séde do municipio, situada á margem do bellissimo lago de seu nome. Foi uma antiga aldeia dos indios Uaboys, dos Nhamundás, pouco a pouco transformada na fructuosa missão dos padres da Companhia de Jesus, que lhe deram o nome actual. Esteve a principio na confluencia do rio Pratucú com o Nhamundá. Segundo o conego Francisco Ber-

nardino, fôram os capuchos da Piedade que a transferiram para o local em que hoje se acha. Foi creada villa em 1758 por Mendonça Furtado, no primitivo local. Em 1895 foi Fáro elevada á cathegoria de cidade.

Gurupá, cidade, séde do municipio, situada á margem direita do braço meridional do rio Amazonas. Alli já os hollandezes e inglezes estavam estabelecidos antes da fundação do Pará, em 1616. O capitão-mór Bento Maciel Parente, em 1623, após valiosos triumphos sobre aquelles inimigos, fundou um forte no local onde existia o dos hollandezes e por elles destruido; em 1647 houve nova tentativa hollandeza para se apoderar do forte de Maciel. Senhor da situação alli, fundou o capitão-mór, no sitio chamado Mariocay essa fortaleza, a qual se denominou Santo Antonio de Gurupá. Em 1639 o povoado, que se agrupara em torno, foi elevado á cathegoria de villa. Alli estiveram os padres capuchinhos da Piedade, carmelitas, e por fim os jesuitas, sendo estes presos alli, no convento carmelitano, em 1661. Em novembro de 1885 recebeu o predicamento de cidade.

Igarapé-assú, villa, séde de municipio; foi a principio uma povoação creada em 1903 e assente á margem da estrada de ferro de Bragança. Recebeu o predicamento que tem em Outubro de 1906.

Igarapé-miry, cidade e séde do Municipio, está situada á margem esquerda do rio de seu nome; foi a antiga parochia erecta em 1755 pelo bispo D. Fr. Miguel de Bulhões, sendo até esse tempo capella de um particular chamado João Paulo Sarges de Barros. Teve seu predicamento de villa em Outubro de 1843, e o de cidade em Maio de 1896.

Irituia, villa e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio de seu nome; foi freguezia fundada em 1758 pelo bispo D. Fr. Miguel de Bulhões, na capella de Lourenço de Souza Pereira, que a offereceu com todas as suas alfaias e um terreno quadrado com 60 braças de cada lado. Foi elevada a villa em Outubro de 1867, supprimida em 1868 e restaurada em 1879.

Itaituba, cidade e séde do Municipio, na margem esquerda do rio Tapajós. A sua fundação, devida ao tenente-coronel

Joaquim Caetano Corrêa, data de 1836, e teve como motivo o estabelecimento de um destacamento militar no seu local, ponto em que já se achavam aldeadas algumas familias de indios Mundurucús. Em dezembro de 1856 foi elevada á cathegoria de villa, e em Março de 1900 á de cidade.

Juruty, villa e séde do municipio, situada á margem direita do paraná do Maracá-uassú, desaguando no rio Amazonas. A principio estivera a povoação á margem do lago Juruty. Nesse antigo logar fôra ella uma aldêa de indios Mundurucús, fundada em 1818, pelo padre Antonio Manoel Sanches de Brito, e sujeita á direcção de um missionario, com todos os poderes parochiaes, não tardando que os indios construissem á sua custa uma pequena egreja. A povoação nunca prosperou; os indios fôram-se extinguindo e a população diminuindo, até chegar a tal estado, que os principaes vizinhos, perdendo a esperança de vêl-a florescer, pediram sua transferencia para o sitio actual. A mudança de um local para outro, das alfaias e imagens da capella, foi feita com um certo escandalo, pois que o vigario queria a mudança e os habitantes se oppunham a ella. Depois de aturada resistencia e guarda vigilante contra o padre, este consegue, fingindo submetter-se ao facto consumado, approximar-se e conduzir tudo para a nova povoação, de modo que quando se quiz protestar e impedil-a, já era tarde, e a povoação de Juruty Novo foi elevada á cathegoria de villa em Abril de 1883.

Macapá, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do braço septentrional do rio Amazonas. Em 1688, o capitão-mór Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho fez construir uma fortaleza, para substituir o forte de Cumaú, levantado pelos inglezes. A fortaleza, occupada pelos francezes em 1697, foi retomada pelos portuguezes. Teve seu inicio em 1752 num pequeno nucleo que pouco a pouco ia augmentando, com familias das ilhas dos Açôres e Canarias. Fundada villa em 1758 por Mendonça Furtado, procedendo-se para isso ao ceremonial do estylo, foi em 1764 ordenada a construcção de uma fortaleza em sua vizinhança. Foi elevada á cathegoria de cidade em Outubro de 1856.

Marabá, villa e séde do municipio, creada a 27 de Feve-

reiro de 1913, na margem esquerda da foz do rio Itacayuna, affluente do rio Tocantins.

Maracanã, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio de seu nome. Era a antiga aldêa de Maracanã missionada pelos jesuitas. Em 1757 Mendonça Furtado creou a freguezia de S. Miguel de Cintra; em 1800 essa freguezia foi elevada á categoria de villa, com o nome de Cintra, e em Maio de 1897, devido á tenaz campanha do conego Ulysses de Pennafort, foi a villa elevada, com o seu primitivo nome, á cathegoria de cidade.

Marapanim, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio do seu nome, no logar onde existiu a fazenda Bom Intento, pertencente aos padres da companhia de Jesus, cujas terras fôram doadas pelo padre José Maria do Valle. Foi elevada á cathegoria de villa em 1874 e em Janeiro de 1878 recebeu o predicamento de cidade.

Mazagão, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio do seu nome. Era primitivamente um logar habitado por indios, que depois de se terem estabelecido em varios sitios, se mudaram para outro local. Em 1735 Francisco Portilho de Mello, reunindo os indios do rio Matapy, fundou então a aldêa de Sant'Anna, em uma ilha em frente á foz do dito rio Matapy. Em 1766 o Governador Athayde de Faria transferiu essa aldêa para a margem esquerda do rio Maracapucú. Mais tarde o sargento-mór Manoel da Gama Lobo de Almeida chegou ao Pará, trazendo de Lisboa 114 familias, que outr'ora habitavam o castello real de Mazagão, em Africa, e enviadas ao Brazil para fundarem uma villa com este mesmo nome. Athayde de Freire, então, transferiu a aldêa para o logar actual, elevando-a á cathegoria de villa, em 1770; em 1833 perde o nome de Mazagão e toma o nome de Regeneração, por acto do Conselho do Governo. Perdeu o seu predicamento para rehavel-o em Abril de 1841, e finalmente, elevada á cathegoria de cidade, em Abril de 1888.

Melgaço, villa e séde do Municipio, situada á margem de uma grande, bella e tranquilla bahia que tem o seu nome. Fôra primitivamente a missão dos jesuitas chamada de Aryeurú, sendo seus primitivos habitantes os indios Nheengaibas, Mamayanazes e Chapounas. Em 1758, a 24 de Janeiro, Mendonça

Furtado erigiu-a em villa; supprimida esta cathegoria em Outubro de 1851, restaurada em 1856, foi installada no anno seguinte.

Mocajuba, cidade e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Tocantins. A primitiva freguezia de Mocajuba creada em Dezembro de 1853, foi transferida do rio Maxi ou furo Tauaré para o ponto em que hoje se acha, logar este de um antigo sitio, cedido por João Machado, denominado Mucajuba, para nelle ser edificada a nova povoação; depois, em Abril de 1872, foi esta elevada á cathegoria de villa, e em Julho de 1895 á de cidade.

Mojú, villa e séde do Municipio, situada á margem direita do rio do seu nome; foi a antiga parochia do Espirito Santo do rio Mojú, capella que fôra da fazenda de Guajará-assú, pertencente a um particular chamado Manoel Thomaz Dourão, e depois erecta em 1754, por D. Fr. Miguel de Bulhões, nos terrenos para esse fim doados á irmandade do Divino Espirito por Antonio Dornellas e Souza. Em Outubro de 1870 é elevada a villa; rebaixada em 1887, é restaurada villa em 1889.

Monte Alegre, cidade e séde do Municipio, situada sobre a collina do seu nome. Era antigamente a aldêa de Gurupatuba, missionada pelos religiosos da Piedade e que Mendonça Furtado, pessoalmente, no dia 27 de Fevereiro de 1758, erigiu em villa. Recebeu o predicamento de cidade em Março de 1880.

Montenegro, villa e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Amapá pequeno, na foz de um furo que o liga ao lago grande do Amapá. Foi creada em 1902, quando o Pará tomou definitivamente posse do territorio litigioso entre o Brazil e a França, annexando-o ao seu territorio.

Muaná, cidade e séde do Municipio, situada á margem direita do rio de seu nome. Foi ha longos annos um estabelecimento particular, em que se cultivava cacáo, para cujo plantio as suas terras são excellentes; o augmento da familia do proprietario multiplicou o numero de casas, e por fim o logar tornou-se povoação, que cresceu lentamente, até que o Conselho do Governo, em 1833, elevou-a á cathegoria de villa. Foi Muaná o primeiro logar do Brazil em que se fallou em independencia, pois que a 28 de Maio de 1822, em uma das praças da villa, alguns bravos patriotas levantaram o primeiro grito

de independencia, que abrochou no 7 de Setembro. Em 1895 teve o predicamento de cidade. Em 1758 Mendonça Furtado fundára ahi a freguezia.

Obidos, cidade e séde do Municipio, edificada junto a uma série de collinas, á margem esquerda do rio Amazonas, no ponto mais estreito do grande rio. Era a antiga aldêa dos indios Pauxis. Fallando della, diz Mendonça Furtado, em 1758: —« A 21 sahi dahi (de Alemquer) e cheguei a 22 (de Março) á fortaleza dos Pauxis. Demorei-me ahi os dias de Semana Santa e no sabbado erigi em villa uma pequena aldêa que estava junto aquella chamada Fortaleza, unindo-lhe, para fazer mais populosa, duas aldêas dos padres da Piedade: a primeira a menos de meia hora de caminho da Fortaleza e a outra a um dia de viagem e todas tres juntas deram apenas para construir a nossa villa de Obidos que erigi.» A fortaleza de que falla Mendonça Furtado foi construida em 1697 por Manoel da Motta e Sequeira, superintendente das fortificações, a mando do capitão general e governador do Estado do Grão-Pará, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que fixou o logar para ella pouco distante da bocca do rio Trombetas. Em Outubro de 1854 foi Obidos elevada á cathegoria de cidade.

Oeiras, villa e séde do Municipio, á margem esquerda do rio do seu nome.

Era a antiga missão de Araticú, formada pelos indios Nheengaibas, catechisados pelos padres jesuitas. Mendonça Furtado, em 20 de Janeiro de 1758 erigiu-a em villa, levantando pelourinho, fazendo eleição das justiças e dando-lhe o nome actual de Oeiras. Essa antiga missão dos jesuitas estava primitivamente localisada no rio Bócas; em 1738 o padre Manoel dos Reis mudou-a para o logar actual, onde Mendonça Furtado lhe deu o predicamento referido. Em 1865 perdeu esse predicado, tendo-o restituido em 1868.

Ourem, villa e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Guamá, em frente a uma cachoeira. Afim de proteger o correio que fazia a communicação entre o Pará e Maranhão, fez-se preciso crear um ponto onde se localizasse uma força de garantia a esse serviço publico; é assim que, sendo escolhido o local onde hoje está a ilha, em frente a um recife de pedras que obstruem o rio, o governo mandou estabelecer

uma especie de presidio militar, uma casa forte. Em 1727 essa casa forte foi construida por Luiz Moura, em frente á segunda cachoeira, subindo o rio, quando era capitão-mór do Pará José Velho de Azevedo. Pouco a pouco, em torno dessa casa forte se fôram estabelecendo algumas casas, formando-se um povoado, que em 1752 Mendonça Furtado elevou á cathegoria de villa, com o nome de Ourem. Augmentou-a de 160 indigenas tomados a diversos contrabandistas, estabeleceu alli uma escola da lingua portugueza e mais tarde introduziu algumas familias das ilhas de Angra e S. Miguel. Em 1818 o Conde de Villa Flôr regularizou o serviço de correio, que partia de Belem em canôa, até Ourem, e dahi por terra para o Maranhão, passando pelo Turyassú, atravessando em conôa os rios Piriá, Gurupy e Redondo.

Ponta de Pedras, villa e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio Marajó-assú. Teve seu berço numa aldêa de indios denominados das Mangabeiras, sendo creada freguezia de N. S. da Conceição de Ponta de Pedras em 1737, e elevada á cathegoria de villa em Abril de 1877.

Portel, villa e séde do Municipio, situada ao S. da bahia do seu nome. Foi missão de Arucará, fundada pelo padre Antonio Vieira; compunha-se dos indios Nheengaibas e Mamayanazes. Era naquella epocha a mais populosa das missões, pelo grande exodo de indios para ella carreado pelos jesuitas.

Mendonça Furtado erigiu a 24 de Janeiro de 1758 essa villa, com o nome de Portel, mas só foi definitivamente reconhecida em setembro de 1843, pois que em 1833 fôra suprimida pelo Conselho do Governo.

Porto de Móz, cidade e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Xingú; foi fundada em 1639 pelos antigos religiosos da Piedade, com o nome de aldêa de Maturú; mas passa por ter sido seu fundador o jesuita padre João Maria de Garçoni. Em 1758 Mendonça Furtado elevou-a á cathegoria de villa, com o nome de Porto de Moz, e o predicado de cidade recebeu-o ella em Novembro de 1890.

Prainha, villa e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio Amazonas. Fôra primitivamente uma freguezia creada na aldêa de Urubuquára, que depois tomou o nome de Outeiro.

Essa aldeia era missionada pelos religiosos capuchos de Santo Antonio; mais tarde foi mudada do logar em que estava isto é, no rio Urubuquara, para o local actual, com o nome de Prainha. Mendonça Furtado, descrevendo a viagem ao alto Amazonas em Fevereiro de 1758, diz:—«Sahi dahi (Almeyrim), no dia 24 e fui á aldeia de Urubucuara que não erigi em villa». Veio ter esse predicamento em 1879, pela lei n. 941.

Quatipurú, villa e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio do seu nome. Era uma pequena povoação que a lei de 26 de Outubro de 1868 elevou á cathegoria de villa.

Salinas, cidade e séde do Municipio, situada na costa do Oceano Atlantico, á margem oriental da bahia do seu nome. Era primitivamente uma aldeia de indios.

Em 1656 o Capitão General Governador, André Vidal de Negreiros fez estabelecer na ponta da ilha, junto á bahia de Viriandubа, uma atalaia, encarregando desse trabalho o Capitão-mór Feliciano Corrêa. Em 1693 foi elevada á cathegoria de villa, recebendo a de cidade em 1854.

Santarém, cidade e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Tapajós. Chamando-se primitivamente aldeia dos indios Tapajós, sendo elevada á cathegoria de villa por Xavier de Mendonça Furtado, a 12 de Março de 1758, com o nome de Santarem, tendo organisadas as justiças, e em Outubro de 1848 foi elevada á cathegoria de cidade.

São Caetano de Odivellas, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio Mojuim. Teve titulo de freguesia em 1757, elevada á cathegoria de villa em Abril de 1872 e mais tarde, em Julho de 1895, elevada á cathegoria de cidade.

São Domingos da Bôa Vista, villa e séde do Municipio, situada na confluencia dos rios Capim e Guamá. A antiga freguezia foi fundada em 1758, recebendo em Abril de 1872 o predicamento de villa, para perdêl-o em 1879 e rehavêl-o em Dezembro de 1890.

São João de Araguaya, villa e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio deste nome, na confluencia com o rio Tocantins. Era um antigo presidio estabelecido com o fim

de auxiliar a navegação. A principio esta colonia foi situada á entrada da cachoeira de Itabóca, depois transferida para o logar actual, em Maio de 1855. Foi elevada á cathegoria de villa em Novembro de 1908.

São Miguel do Guamá, cidade e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Guamá. Sua origem remonta a uma colonia de habitantes da villa de São Miguel, que alli se estabeleceu, construindo uma capella consagrada ao padroeiro da sua ilha, formando assim uma povoação. Não tardou a ser creada freguezia.

A antiga freguesia, fundada em 1755, pelo bispo D. Frei Miguel de Bulhões, está situada n'um terreno de 60 braças, doado nessa epocha por Agostinho Domingues de Sequeira. A cathegoria de villa foi lhe dada em Outubro de 1870 e a de cidade em Maio de 1891.

São Sebastião da Bôa Vista, villa e séde do Municipio, situada na ilha de Santo Antonio, á entrada do furo Pracuhubamiry, affluente do rio Pracuhuba. Foi o logar inaugurado povoação por Mendouça Furtado. Em Outubro de 1868 foi elevada á cathegoria de villa.

Soure, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio Paracauari ou igarapé Grande, perto de sua foz. Foi essa sua origem uma modesta aldeia de indios Mamayanazes, da raça dos Aruans. Em 1757 Mendonça Furtado elevou-a á cathegoria de villa, com o titulo actual. Em 1833 o Conselho do Governo destituiu-a do predicamento. Em Setembro de 1849 foi-lhe restituida essa cathegoria; e em Setembro de 1890 foi elevado á de cidade.

Souzel, villa e séde do Municipio, situada á margem direita do rio Xingú. Primitivamente era a aldeia de Aricary, situada na margem esquerda missionada pelos Jesuitas, creada freguezia em 1639: tendo sido elevada á cathegoria de villa em 1755. Em 1849 o decreto n. 125, de 22 de Maio, transferiu-a para o logar actual. O Conselho do Governo retirou em 1833 o seu predicamento, que foi restabelecido em Abril de 1874.

Vigia, cidade e séde do Municipio, situada á margem oriental do furo ou rio do seu nome. Foi primitivamente habi-

tada por uma tribu de indios Tupinambás, cuja aldeia era denominada *Uruitá*. Depois, com o crescimento da pupulação foi creada freguezia em 1693, sendo primitivamente fundada por Jorge Gomes Alerno, para o que lhe déra faculdade D. João IV. Posteriormente o governo da Capitania mandou para alli uma forte guarnição, afim de proteger e dar o visto ás embarcações costeiras que navegavam entre o Pará e Maranhão. Seu titulo de cidade foi lhe dado em Outubro de 1834.

Vizeu, cidade e séde do Municipio, situada á margem esquerda do rio Gurupy. Em 1627, Francisco de Carvalho, 1.º Governador do Estado do Maranhão e Grão Pará, passou por ali de viagem para Belem, fasendo parada no Gurupy, e agradando-se daquella situação, delineou a povoação de Vera Cruz, continuando depois sua viagem. Ao voltar, chegou alli a 26 de Outubro de 1627, vendo com prazer o desenvolvimento do pequeno nucleo. Em 1633 Feliciano Coelho passou a seu filho carta de data e sesmaria desse logar, mandando logo demarcal-o. Mais tarde, em 1664, a povoação do Gurupy foi transferida para a de Caeté. Em 1756 foi o seu antigo nome de Vera Cruz do Gurupy substituido pelo de Vizeu, elevada em 1856 á cathegoria de villa e em 1896 á de cidade.

Alem dessas localidades que se acham como séde dos Municipios, cujos nomes as designam, ha outras villas e povoações que não deixam de ter sua pequena historia. Assim temos: *Arrayolos*, no municipio de Almeirim, que era a antiga aldeia dos capuchos da Piedade, denominada Guarimucú, que a 20 de Fevereiro de 1758 Mendonça Furtado erigiu em villa, com o nome actual.

Alter do Chão, villa no Municiqio de Santarem. Era a antiga aldeia Borary, dos religiosos Jesuitas, elevada á cathegoria de villa a 6 de Março de 1758 por Mendonça Furtado.

Bôa Vista, povoação no Municipio de Porto de Moz.

Boim, villa no Municipio de Santarem, que foi primitivamante a aldeia de Santo Ignacio, habitada por indios tupinambás, sendo fundada pelo padre jesuita Antonio da Fonseca. A 9 de Março de 1758 Mendonça Furtado erigiu-a em villa.

Esposende, povoação no Municipio de Almeirim. Foi a antiga aldeia Tuaré, missionada pelos religiosos de Santo Anto-

nio, á qual Mendonça Furtado, dando-lhe a cathegoria de villa em Fevereiro de 1758, substituiu o nome pelo de Esposende.

Monsarás, villa no Municipio de Soure, antiga aldeia de Cuyá; em começos do seculo XVIII já ali havia um hospicio dos religiosos capuchos de Santo Antonio.

Pombal, povoação no Municipio de Porto de Moz; era a antiga aldeia Pauiri, missionada pelos Jesuitas; até 1730 estavam unidas as duas aldeias Pauiri e Itacuruçá; mas os padres jesuitas viram-se forçados a separal-as, em virtude de luta constante entre as duas nações.

Pinhel, povoação no Municipio de Aveiro; era antigamente a aldeia de São José ou Matapus, fundada pelo jesuita José da Gama, em 1722. Em Março de 1758 Mendonça Furtado erigiu-a em villa, com o nome de Pinhel.

Veiros, povoação no Municipio de Porto de Moz antiga aldeia Itacuruçá, missionada pelos Jesuitas, tendo sido fundada em 1637 pelo padre jesuita Luiz Figueira. Tomou mais tarde o nome actual.

Villarinho do Monte, povoação no Municipio de Porto de Moz. Era a antiga aldeia dos indios Cauhiana, dos religiosos de Piedade, á qual Mendonça Furtado em 1758 deu o nome actual.

Villa Franca, villa no Municipio de Santarem; fôra primitivamente a missão do Cumarú, e Arapium, de administração dos padres Jesuitas; a 17 de Março de 1758. Mendonça Furtado deu-lhe o nome que ainda conserva, elevando-a á cathegoria de villa.

Occorre, entretanto, notar, que grande foi o trabalho dos homens da igreja, religiosos Jesuitas, capuchos da Piedade e de Santo Antonio, em divulgar, pela selva a dentro, a luz da religião, levando ao mais longiquo ponto da capitania a vida civilisada. Falcil foi, portanto, a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do muito poderoso Marquez de Pombal, completando a obra de expulsão dos Jesuitas e mais religiosos em uma viagem commoda e sem perigos, transformar aquellas missões em villas, dando-lhes novos nomes, apagando, desse modo rapido, a lembrança de seus verdadeiros fundadores, por outros nomes inexpressivos e copiados, pensando, assim, fazer obra meritoria e duradoura. Verdade é que os nomes ficaram, mas permanecem, inapagaveis, os factos passados da catechese e do sacrificio, da constancia e da fé.

XI

Os jesuitas na instrucção publica da colonia, os padres mais eminentes dessa ordem religiosa no serviço da catechese e nos acontecimentos politicos daquella epocha.

Em 1569 chegára ás terras do Brazil, Manoel da Nobrega, o primeiro jesuita que aportava ás nossas plagas, no sul. Em rumo ao norte do Brazil, vieram elle e seus companheiros, dispersando-se, segundo as necessidades do momento.

Muito durou essa immensa e indescriptivel odysséa dos apostolos de Santo Ignacio. Em 1607 fica morto ás mãos dos selvagens da serra de Ibiapaba o padre Francisco Pinto, e o seu companheiro Luiz Figueira, momento mais feliz que elle, consegue chegar ao Maranhão; de lá vem ao Pará, em companhia de Francisco Coelho de Carvalho, 1.º governador do Estado do Maranhão e Grão-Pará, sendo, portanto, elle o primeiro jesuita que vindo demorar-se na nossa capitania, se interna nas mattas paraenses, vae até o Xingú, na preoccupação fixa de evangelizar.

Não se demora, porém, e parte para a Europa, de onde volta novamente a Belem, e é desgraçadamente, com seus onze companheiros, victima dos indios de Marajó, frustrando-se a primeira tentativa de catechese dos religiosos jesuitas. Salvaram-se apenas tres, que abandonaram o Pará. Não desanimaram, entretanto. Em 1653 entra em Belem, modesto e humilde, o padre João de Souto Maior, não obstante a repulsa como que instinctiva dos habitantes. Simples e desambicioso, elle apenas deseja abrir uma aula de latim e de doutrina para os filhos dos brancos, assignando no Senado da Camara um compromisso de não se intrometter nem na administração dos indios fôrros nem com os escravos dos colonos. Quer apenas instruir uns e outros nas verdades da fé. Começou elle logo a con-

strucção do convento ou collegio, sempre guerreado e atacado pela população indignada. Com João de Souto Maior viera tambem o padre Gaspar Fragoso, tendo desembarcado ambos em 3 de dezembro 1753. Nesse anno ainda chega a Belem o immortal jesuita padre Antonio Vieira, após uma tentattva de revolta por parte da população de São Luiz, de onde elle viera. A exhibição da carta régia de 21 de outubro de 1652 que lhe dava amplos poderes para fundar missões, descer indios, erguer capellas e igrejas, transferir os selvagens de um para outro logar, mostrava a grande influencia que o padre tinha junto ao Rei. Vendo, ao chegar, o quadro negro da escravidão, não recuou ante a lucta tremenda que ia travar contra governantes e governados. Estes pediram a sua expulsão, não ousando aquelles, entretanto, acompanhal-os. E Vieira, impassivel e nobre, proseguiu imperturbavel, arrancando do tronco e do azorrague o indio infeliz. Mas no meio dessa lucta sem treguas, em que ora Vieira dictava leis, amparado na palavra régia, ora os colonos ou com intrigas ou com ousadia, anniquilavam intermittentemente a obra humana do jesuita, não descurava este a catechese e a instrucção dos habitantes da capitania, esparsos pelo seu vasto territorio. Não poucas e renhidas foram as luctas travadas entre o povo da cidade e os jesuitas, sobretudo, o padre Antonio Vieira. Emquanto se produziam os entrechoques, as missões do interior do Pará aldeiavam os indios em torno a uma capella, formando assim o nucleo de futura villa ou cidade.

Ao lado da figura magestosa de Antonio Vieira, o mais eminente de todos os jesuitas que têm passado por terras brazileiras, apparecem, salientes no serviço de catechese, Luiz Figueira, João do Souto Maior e Gaspar Fragoso, os dois fundadores do collegio, Dario Fay, Gabriel Malagrida e tantos e tantos outros, cuja humildade do nome não impediu a grandeza da obra produzida. A catechese e a missão religiosa dos padres jesuitas estava circumscripta á parte S. do rio Amazonas, isto é, na margem direita, emquanto que o norte ou a margem esquerda era destinado aos religiosos capuchos de Santo Antonio, segundo a resolução régia de 23 de julho de 1748.

E em 1753 o Pará possuia as reguintes missões dos jesuitas: São José (Pinhel), Santo Ignacio (Boim), Caramurú (Villa Franca), Borary (Alter do Chão), Tapajós, (Santarém), no rio Tapajôs; Aricary (Souzel), Pauiri (Pombal), Itacuruçá (Veiros), no rio Xingú; Aracarú, (Portel), no rio Anapú; Bocas e Araticú (Oeiras), no rio Araticú; Jaguary, Sumauma (Beja), Mortigura (Conde), Gabrié (Barcarena), Mamagaçú, Caayr, Tauapára, Curuçá, Maracanã, Salinas e Caeté, e sobretudo Vigia, onde havia uma *Domus Societatis*, e em Belem um *Collegium Societatis*. Tinham tambem elles as missões Marajoim e Arary, na ilha grande de Joannes.

Gabriel Malagrida é uma das figuras mais eminentes na instrucção publica, fundando o primeiro seminario em Belem, em 1765, como o foi depois nos acontecimentos politicos, vindo a perecer, victima do Santo Officio, a 20 de setembro de 1761, em Lisboa.

«Pelo que diz respeito particularmente ao Grão-Pará, diz J. Lucio de Azevedo, a historia desta parte de terra brazilica de modo nenhum se pode escrever sem a dos jesuitas. A lucta entre elles e a população leiga é o facto central, em torno de que todos os mais gravitam. Quaesquer que sejam os acontecimeutos de ordem politica ou economica que, por dignos de menção, tenhamos de considerar: abusos dos governantes, insubordinações dos povos, introducção de leis de fomento ou repressivas, descobertas, conquistas, escravidões; tudo quanto o civilizado praticou como colonizador no immenso territorio que o rio mar e seus innumeraveis braços sulcam; tudo se prende a feitos, idéas e propositos da Sociedade de Jesus...

Desappareceu o poderio da sociedade quando as cinzas do inditoso Malagrida, suppliciado á ordem de Pombal, iam ser postas ao vento; e desde logo a obra da catechese e aproveitamento dos selvagens para a civilização foi mallograda. Esses dois nomes, Antonio Vieira e Malagrida, assignalam o principio e fim das missões do Grão-Pará, o inicio e o abandôno de um grandioso tentamen. Arrancados os indios á tutela dos religiosos e entregues definitivamente ao poder civil, condemnados á destruição foram por uma vez os esparsos restos, ainda subsistentes, da raça autochtone».

XII

Os professores leigos; os nomes mais destacados na chronica do nosso ensino publico e particular.

Antes de discorrermos sobre o assumpto, convém explicar o sentido da palavra *leigo*, qualificando os professores de ensino publico e particular. — *Leigo*, na sua primeira significação, quer dizer: o que não é ecclesiastico.

Bem poderia ser tomado aqui esse sentido, tratando-se apenas dos professores que não se congregassem, religiosamente, para o ensino de disciplinas em que o espirito de religião predominasse. Além disso os elementos clericaes que até certa época dominavam o Pará, desde a sua fundação até meiados do seculo XVIII, em que não poucas communidades religiosas se encarregaram da propagação do ensino, da catéchese, etc., depois da extincção dessas ordens religiosas continuaram, entretanto, a exercer o professorado primario e superior as casas dos seminarios ainda entregues, como se sabe, aos padres, embora secularisados.

Mas, pensamos, a palavra *leigo* não será na these proposta applicada ao sentido que deixamos expresso. *Leigo* é uma expressão uzada ao tempo da fundação da Escola Normal, pelo então director da Instrucção Publica, Dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, com o fim de distinguir os professores que exerciam o magisterio anteriormente á Escola Normal dos que de futuro fôssem diplomados por esta Escola.

Antes da fundação da Escola Normal em 1871, pelo presidente Dr. Machado Portella, os que pretendiam dedicar-se ao magisterio publico deviam prestar exames de um certo numero de disciplinas perante a directoria da Instrucção, e uma vez approvados, ficavam habilitados para o exercicio do cargo e aptos para a respectiva nomeação. Com a creação da Escola

fazendo n'ella um curso completo de tres annos, formavam-se assim professores para o ensino primario, abrindo-se desse modo uma nova era de luz e de progresso para a educação e instrucção da mocidade.

Em consequencia, aquelles que não eram diplomados pela Escola Normal, por terem nella completado os tres annos do curso legal, eram denominados *professores leigos*. A legislação então vigente permittia que aquelles professores leigos que completassem na Escola Normal as matérias que lhes faltavam para obter o titulo de professor normalista, adquiririam então este titulo escolastico official.

Em meiados de 1871, anno da fundação da Escola Normal, era de oitenta e quatro o numero dos professores leigos da então Provincia do Pará. Ensinavam elles em escolas para o sexo masculino, havendo nessa mesma épocha apenas vinte duas escolas para o sexo feminino, regidas por distinctas professoras leigas. Algumas dellas tinham seus adjunctos.

Muitos desses mestres conseguiram assignalar no ensino os seus nomes, que conseguiram viver até nós, aureolados de justa fama.

Entre elles são de notar-se o Conego *José Pinto Marques*, que dirigiu a Escola Normal e o Seminario Menor, excellente professor de geographia primaria. Temperamento nervoso e irritadico, franco a raiar pela rudez, era grande conhecedor de musica, organista e cantor sacro; *José Severiano Bezerra de Albuquerque*, professor primario, grande conhecedor de sciencias physicas e naturaes e bom estudioso de astronomia; de inflexivel moral, foi um excellente preceptor e chefe de familia; *Joaquim Moysés de Andrade Pinheiro*, professor em Bragança, desde muitos e dilatados annos, excellente educador, cidadão estimadissimo no meio em que viveu; *Alexandre José Pinheiro*, bom e austero professor primario, auctor de tratados de calligraphia; *Felippe Pinto Marques*, professor primario, cujos estudos aperfeiçoou, sendo sua especialidade o ensino da lingua portugueza e de geographia, publicando dessas duas disciplinas obras que muito aproveitaram ao ensino. Homem de moral rija e sã, de de trato affabilissimo e de uma probidaade muito acima do commum em sua épocha; *Conego Antonio Gonçalves da Rocha*, excellente professor primario, notado por sua serenidade; bom

conhecedor de latim e de portuguez; *Padre Eutychio P. Rocha*, conhecido pelo nome de «O Maçon», excellente orador e conhecedor emerito da lingua portugueza. Deixára a sua cadeira no seminario pela da escola mantida pela maçonaria; *Felippe Benicio Gomes da Rocha*, digno mestre de portuguez, arithmetica, geographia e historia do Brazil; *Manoel Vasques da Cunha e Couto*, forte em portuguez e arithmetica; *José Theodoro Saraiva da Costa*, perito em portuguez e Historia Universal; *Raymundo Joaquim Martins*, habilissimo em portuguez e arithmetica; *Raymundo Nonato Lédo*, tambem proficiente nestas duas materias; *Joaquim Severiano Alves da Cunha*, especialisado em geometria.

Além destes, não serão esquecidos da posteridade, á qual legaram um nome digno, pelo saber, dedicação á causa do ensino, constancia na abnegação e esforço empregados para formar alumnos aproveitados, que lhes honrariam o proficuo ministerio, outros arautos da instrucção livre.

São dignos de menção os seguintes: *D. Clementina Pereira Proença*, com sua escola na freguezia da Sé; *Padre Julião Joaquim de Abreu*, *Camillo Henriques Salgado*, notavel por sua austera moral e severos principios, exemplar chefe de familia; *Padre Severino Eusebio de Mattos Cardoso*; *Francisco Quintino de Araujo Nunes*; *José dos Passos Alves da Cunha*; *Antonio Theodato de Resende*; *José Paulino dos Santos Martyres*; *Salustiano Elisabeth de Oliveira Pantoja*; *Luiz Valente do Couto* e tantos outros que se dedicaram á ardua e difficilima tarefa de affeiçoar a intelligencia e o espiritito das crianças, preparando-as para serem cidadãos uteis á familia, á patria e á humanidade.

XIII

Valor do mestre-escola na civillsação de um povo; a feição caracteristica da nação copiada do trabalho do professor no ensino.

O ministerio da educação e da instrucção do povo, evolucionando de longa data, começou a desenvolver-se systematicamente, como programma e providencia de governo, na segunda metade do seculo XVIII.

Até então, póde-se dizer, a sciencia de educar não era mais que um resultado, não de conhecimentos obtidos de estudos acurados, mas de um empirismo mechanico e automatico, estéril como obra didactica propriamente dita. Só considerações philosophicas serviam de base ás transformações por que passavam os meios de ensinar e de educar.

Nem sempre eram homens de escola os que se occupavam da educação, sobre tudo, da infancia, «Eram philosophos, diz J. de Vasconcellos, pensadores, que á força de uma generosa reflexão chegavam a elaborar um plano de cultura intellectual, ás vezes um systema inteiro he educação, uma especie de figurino por que se deviam vestir todas as escolas e todas as creanças. Assim se explica todo o caracter artificial, verbalista, da pedagogia antiga que, por ignorar a natureza da creança e o conjuncto das condições de meio, proprias para seu desenvolvimento regular, não produzia obra de real alcance pratico».

Entre nós o mestre escola, de outr'ora, vindo da metropole, satisfazia apenas a sua obrigação de ensinar materialmente as primeiras lettras e a doutrina christã. Sem outro interesse que o de cumprir o dever do cargo, não chegaram até nós, trazidos pela historia, nomes e factos que marquem o esforço de progredir com efficiencia. Resultados beneficos para o engrandecimento moral e mental do Pará só advirão após a creação de um nucleo intellectual preparador da intelli-

gencia e do espirito, com dedicações e paciencia armadas para o exercicio de tão sagrado mister.

E' de todos sabido que a educação de um povo depende, principalmente, do mestre escola. Sahindo dos primeiros carinhos maternaes e entregue á escola para inicial-a no caminho da instrucção, a criança deve encontrar no mestre um segundo pae e educador, que a instrua, guie e oriente, auxiliando e completando a obra da natureza, para fazer della um expoente de valor humano apreciavel.

Do magisterio primario, pois, missão por excellencia civilisadora e fecunda, decorre immediatamente a formação do individuo, e quanto melhor apparelhado fôr aquelle, mais opimos serão os fructos do seu trato com a infancia, a humanidade adulta do futuro, geratriz de progresso e de felicidade da nação.

A influencia da escola é tão grande sobre os destinos de um povo, que o valor deste póde ser medido pelo gráo de aperfeiçoamento d'aquella.

A Suissa e as nações escandinavas devem á orientação e ao summo gráo de desenvolvimento de suas escolas o logar proeminente que occupam entre os demais povos cultos.

E como ellas, outras nações da Europa e da America devem á sabia organisação de suas escolas primarias, entregues a provectos mestre-escolas, os requintes de civilisação em que se acham.

Educar o povo, dando-lhe ao menos a instrucção primaria, é preparar-lhe a intelligencia e o coração, é, sobretudo, fortificar-lhe o espirito.

Assim, do derramamento da instrucção depende em maxima parte a prosperidade dos individuos, e com ella a grandeza e a fortuna das nações. Fazer chegar a instrucção a todos os pontos, por meio de escolas regulares, e estas entregues ao competente e dedicado mestre escola do passado, hoje o professor normalista, eis a já velha e sempre presente preoccupação capital dos poderes do Estado, empregando assim todos os meios para a mais efficaz divulgação da instrucção e da educação.

Se quizermos obter effeitos beneficos, diffundindo a in-

strucção pelas classes populares, arredando-as assim das trévas da ignorancia, formando dessas massas cidadãos uteis e dignos de uma patria digna, com a consciencia de direitos e deveres, e mães de familia que possam desde já elevar o nivel moral e intellectual da sociedade que constitue a patria, cumpre antes de tudo, dignificar o professor primario.

Conseguido este resultado, grande e salutar influencia exercerá a educação nos destinos da humanidade, e particularmente efficaz aos governos representativos, cujos individuos são chamados a servir os cargos electivos e as funcções publicas.

D'ahi decorre ter o legislador constitucional, com toda a sabedoria, garantido gratuitamente ao povo a instrucção primaria; d'ahi, na actualidade, o haverem os governos bem orientados protegido liberalmente tudo o que se relaciona com o ensino.

Sendo, portanto, a instrucção primaria a chave da sciencia, fonte inesgottavel de todos os conhecimentos e recursos humanos, é ao mestre escola, ao professor primario, que cabe toda a grande responsabilidade na construcção do grandioso edificio social, na formação de individuos dignos e capazes para a sua consolidação.

Primacial elemento de progresso, a instrucção, que em todos os paizes civilisados tem sido objecto do maior desvello e solicitude dos governos, o Pará republicano em tempo algum o ha decurado, e nos ultimos annos tem constituido preoccupação especial da administração publica, patrioticamente empenhada em fazer do ensino nas suas escolas a maior felicidade do Estado, tornando-o accessivel a todos os seus habitantes ainda nos mais afastados recantos, concorrendo para mantêl-o e tornal-o proficuo, com a maior verba da sua receita.

XIV

Valor das reliquias historicas, como principal meio de incentivar o patriotismo e esclarecer os pontos da historia regional. Necessidade de um museu historico em Belem.

Quem, por acaso, desconhece a emoção que sentimos ao ouvir alguem falar do pequeno canto da terra que nos viu nascer? Com que ternura se liga ao nosso coração um velho farrapo que serviu de testemunha, que se prendeu a um facto grandioso ou não, da historia ainda que singela da patria!

Nada melhor para cultivar este religioso respeito, este puro amor á terra do berço e á sua historia, do que o logar recatado e tranquillo em que se vão agrupando lentamente todos os fragmentos do passado, cheio de tantas lembranças, fixando datas heroicas, conservando feitos dignos, guardando emfim, tangiveis e constantes, os episodios da historia que se vão concatenando e accumulando um a um, como ensino e estimulo aos posteros, para manter, sempre vivo e ardente, o amor do tarrão natal. Esse logar é o museu historico.

Não basta escrever sobre o facto decorrido. Quasi sempre a paixão involuntariamente transvia a rectidão com que deve ser exposto, ao passo que as reliquias historicas, na sua mudez estatica, nos fazem saber tanta verdade ignorada e despertar as reminiscencias daquillo que passou. Quantas vezes, e com que magua, vêmos os que melhor deviam conhecêl-o ignorar o passado da sua terra, á falta da organisação systematica da sua historia por documentos palpaveis em mensão recolhida e sillente, qual um museu, embora modesto, para guardal-os e exhibil-os, como lição muda e todavia eloquente.

A necessidade de um museu historico em Belem é sobre-

modo sensivel desde longa data. E' tempo, agora, de não deixarmos mais dispersas e em abandono as raras reliquias que possuimos. Não é só ao paraense que o museu historico aproveitará, mas a todos os demais nacionaes e extrangeiros, que de passagem aprenderão nos fragmentos colhidos e arrumados, facil e rapidamente, a summaria historia, curta, mas bella, do nosso Estado natal.

Um museu paraense não seria senão uma solida parcella da grande e gloriosa Historia Brazileira. O momento auspicioso que se approxima de solemnisar o tricentenario da fundação da cidade de Nossa Senhora de Belem do Grão Pará, vem corroborar ainda mais a necessidade que tinhamos, e que temos, agora e sempre, de um museo regional, que cabe e se impõe dentro das muralhas do Forte do Castello, o ultimo vestigio existente do nascimento da nosa capital, porque foi ahi que o grande facto se passou, embora a construcção actual não seja delle contemporanea. Precisamos de um museu onde o publico vá, quotidianamente e gratuitamente aprender a historia de Belem, a historia do Pará, seus feitos e o seu evoluir nos tres seculos que conta de existencia.

A cidade de Belem já começou a destruir para construir, e quantos fragmentos dignos não se vão perdendo para sempre. Deveriamos guardar os desenhos, as photographias, reproducções coloridas de usos e costumes de tudo que passa, se transforma, evolue e não se reproduz mais. E todos esses documentos preciosos, religiosamene catalogados e archivados no museu, iriam enriquecer a nossa historia civica. Ninguem desconhece o valor que na educação de um povo, sobretudo na purificacão dos costumes, tem a frequencia dos museos, escolas permanentes de elevação moral e cultura mental.

No Musueo Historico do Pará seriam encerrados e expostos, cada um com a sua summaria explicação elucidativa, todos os objectos e documentos que se relacionassem com os mais antigos personagens da nossa historia, como o padre Antonio Vieira, Patroni, Baptista Campos, a epocha tôrva da cabanagem, padre Prudencio, os Romualdos, general Gurjão, dr. Malcher, Julio Cezar, Baena, Carlos Gomes, etc., etc. Além desses, todos pessoaes, documentos outros dos costumes antigos pelos

quaes poderiamos estudar, chronologicamente, a nossa vida, evolução e progressos realizados.

Rarissima é a capital dos vinte e um Estados confederados do Brazil que não possua o seu museo historico—archeologico. Só o Pará é nota dissonante nesse concerto de cultura civica e intellectual.

Como elemento essencialmente educativo, avivando sempre a sagrada chamma do puro patriotismo, o museu de historia e de costumes locaes é uma creação e fundação imprescindivel. Tudo alli conservado fallará alto ao nosso espirito e á nossa imaginação de povo emancipado.

Por outro lado, a falta de um museu historico, no qual se guardem reliquias que a todos interessem, faz com que ellas, que nos são tão caras, desappareçam, se destruam ou se percam, com grave lesão do Estado e da sua razão de existir, podendo tambem passar a outras latitudes, onde embora deslocadas, constituirão, todavia, muitas vezes, um valioso patrimonio do seu possuidor.

Onde estão as bandeiras napoleonicas que os bravos paraenses tomaram aos francezes de Cayena, ao mando do brigadeiro Manoel Marques d'Elvas Portugal, em 1809? Onde as effigies imperiaes diante das quaes, em dias de gala, passavamos reverentes, todos nós, na sala do docel de palacio? E os canhões que defenderam a terra paraense em 1625, repellindo os hollandezes, que se fixavam nas margens do Xingú? Os de Santa Anna dos Tucujùs? Tantas cousas, tantos factos, tantos objectos espalhados, desapparecidos, sonegados, que pertenceram á nossa historia e que, infelizmente, jamais readquiriremos. Não percamos tudo, porém. E' tempo. Urge organizarmos o museo civico da historia e da archeologia do Pará!

XV

Evolução dos livros didacticos e litteraria pedagogica do Pará, seus auctores e importancia das suas obras.

Volumosa é a bagagem litteraria que tem servido á mocidade paraense para sua educação e instrucção elementar servindo muitas das obras publicadas para seus estudos superiores. E' o Pará um dos Estados da União Brazileira que mais tem produzido em livros didacticos para a infancia, no porfiado empenho de lhe facilitar e aperfeiçoar o ensino, tornando-o ao mesmo tempo proveitoso.

E' de notar que todos ou quasi todos, esses trabalhos didacticos têm tido approvação do conselho superior da instrucção do Estado, permittindo assim a sua adopção no ensino publico. Alguns, mesmo, pelas repetidas edições têm obtido uma verdadeira consagração geral, como por exemplo o *Paleographo* do Dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, e sobre tudo os tres livros de leitura deste illustre educador, cuja edição corrente é a 56.ª

E assim, o Estado do Pará, fazendo evoluir a instrucção publica, concorre poderosamente para o decrescimo do analphabetismo. Para esse benefico resultado, n'um concurso harmonico e isochrono, actua, de um lado, a sábia orientação do Governo, tomando medidas acertadas, e de outro, a coadjuvação dos collegios e escolas de iniciativa particular, contribuindo todos para o alevantamento moral e intellectual dos seus habitantes.

A contribuição particular accentua-se, sobretudo, na organização de compendios e outros trabalhos para o desenvolvimento da intelligencia.

Para melhor se avaliar quanto se tem trabalhado nesse sentido bastará reproduzir a lista das obras publicadas que nos

foi gentilmente communicado pelo provecto sr. Coronel Raymundo Cyriaco Alves da Cunha, que pacientemente a compilou.

Leitura: Capitão Luiz Alfredo Monteiro Baena, 1.º e 2.º livros); Drs. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas, (1.º 2.º e 3.º livros, assim como o *Paleographo*); Heraclito Vespasiano Fiock Romano, (*Chrestomathia*); e Americo Marques de Santa Rosa (1.º livro); professores Francisco Ferreira de Vilhena Alves (*Miscelanea litteraria* e *Selecta litteraria*); Augusto Ramos Pinheiro, (1.º 2.º e 3.º livros); Camillo Henriques Salgado e Sebastião José Salgado Guimarães (1.º livro); capitão Vicente Carmino Leal e Luiz Demetrio Juvenal Tavares (idem); e João Gualberto da Costa (idem manuscripto).

Hygiene, Dr. Americo Campos.

Grammatica Portugueza, Professores Vilhena Alves (tres); Julio Cezar Ribeiro de Souza e Felippe Pinto Marques, conego Domiciano Herculano Perdigão Cardoso e Dr. Paulino de Almeida Brito (este publicou duas).

Exercicio de analyse moderna, professor Vilhena Alves.

Exercicio de portuguez, professor Vilhena Alves.

Grammatica Franceza, professor Felippe Pinto Marques.

Grammatica da lingua indigena, Coronel Francisco Raymundo Corrêa de Faria.

Arithmetica, professores André Cursino Benjamin, Cyriaco Lourenço de Souza, Joaquim Severiano Alves da Cunha e Cezar Augusto de Andrade Pinheiro; Drs. Antonio Joaquim de Oliveira Campos e Ignacio Baptista de Moura e padre Eutychio Pereira da Rocha, e professor Tito Cardoso de Oliveira (Rudimentar e complementar).

Geometria, Dr. José Felix Soares, professores Sabino Henrique da Luz, Manoel Antonio Ferreira de Moraes e Tito Cardoso de Oliveira (*geometria primaria*) e conego Jeronymo de Oliveira.

Mappas geometricos, professor Cantidiano Augusto Nunes.

Desenho, Dr. Alexandre Vaz Tavares e professores José de Brito Bastos e Mauricio Blaise.

Geographia particular do Brazil, Drs. Novaes e Virgilio Cardoso de Oliveira («A Terra», geographia primaria e a «Terra Brazileira», geographia do Brazil).

Geegraphia especial do Pará, professor Raymundo Cyriaco Alves da Cunha.

Cartographia. Dr. José de Castro Figueiredo (em 2 volumes).

Systema metrico, professor Manoel Antonio Ferreira de Moraes e conego Jeronymo José de Oliveira.

Elementos de metereologia, professor Cantidiano Nunes.

Historia do Brazil, Dr. Joaquim Pedro Corrêa de Freitas e professores Antonio do Espirito Santo de Macedo e Theodoro Rodrigues.

Historia do Pará, professores Dr. Arthur Octavio Nobre Vianna e Antonio Macedo.

Religião, D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará (*Cathecismo e historia biblica*).

Educação civica, D. Antonio de Macedo Costa (compendio de civilidade); D. Romualdo de Souza Coelho, bispo do Pará, (Cathecismo civil em 2 volumes); Dr. Virgilio Cardoso de Oliveira, «Nossa patria» e «Leitura civica» 2 volumes); professor Augusto Pinheiro («Escola, familia e patria») major Hygino Amanajás, («Alma e Coração» e «Educação civica»); Luiz Tavares («Ensino civico»), e Raymundo Cyriaco Alves da Cunha («Paraenses illustres»).

Theses de logica, accrescentadas e seguidas de Historia da Philosophia por * * *

Calligraphia, professores Manoel João Alves (duas obras: «Collecção de traslados» e «Exercicios graduados de calligraphia em 10 cadernos differentes») e Alexandre José Pinheiro («Traslado de calligraphia»).

Contos infantis, D. Eponina de O. Condurú Serra («O livro de Rima»).

O professor Clementino de Nazareth Monteiro organizou um «Contador numerico»; assim como differentes collecções de traslados calligraphicos, além dos já acima mencionados, elaboraram os seguintes professores: Bernardino de Senna Pinto Marques, Francisco Quintino de Araujo Nunes, Augusto Ramos Pinheiro, Manoel Antonio Ferreira de Moraes e Raymundo Cyriaco Alves da Cunha.

Como se vê, é grande a bibliotheca dos livros didacticos e de litteratura pedagogica produzidos no Pará.

O valor e importancia dessas obras serão facilmente aferidos pela capacidade dos nomes que as firmam, aliás notoria, e pela approvação unanime do Conselho da Instrucção Publica do Pará e mesmo da de outros Estados, com que a maioria desses trabalhos foi merecidamente recompensada.

Do seu elogio como valor didactico falam, por si, as repetidas edições com que o poder publico as tem sagrado, preenchendo, de facto, lacunas antes sentidas no ensino primario.

Pela bibliographia citada pode se avaliar quanto empenho e patriotismo se ha posto no movimento continuado em prol da instrucção publica entre nós.

Demais, todas as disciplinas indispensaveis tiveram compendiadores e tratadistas auctorizados, que as desenvolveram com proficiencia e methodo pratico util, enriquecendo a pedagogia paraense com um material avultado, cuja proficuidade é manifesta nos resultados escolares verificados dia a dia.

XVI

Influencia da mulher no ensino publico; seu valor didactico, amenidade maternal no ensino; escolas mixtas.

No numero das grandes e poderosas faculdades da mulher, encarada esta sob as multiplas faces da sua omnimoda actividade, uma das mais nobres e talvez exclusiva das suas aptidões é a da educação da infancia.

O delicado mister de fazer penetrar pouco a pouco no pequenino cerebro da criança a luz da instrucção, desenvolvendo-o, methodica e gradativamente, é, certamente, uma das caracteristicas mais pronunciadas da energia feminina.

Só a mulher, com a sua bondade illimitada, sua paciencia e abnegação é votada com exito a educar a criança, «modelar esse pedacinho de nervos e de carne que o sangue faz palpitar e viver, cuja pequenina caixa craneana tanto póde conter a genese d'um talento, como o fermento d'um monstro, curiosidades sempre despertas, consciencias apenas em esboço.»

Possuindo innata paciencia e assimilando com facilidade os complexos preceitos da pedagogia, ninguem melhor que ella poderá obter os mais rapidos e seguros resultados no magisterio primario.

Educar crianças!

Ministerio sublime d'essa phalange sagrada de mulheres que as professoras officiaes, ou não, substituindo, na maioria das vezes as mães, constitue para o nosso respeito e a publica admiração.

Só ella foi fadada pela natureza a identificar-se com os pequeninos, avidos de saber, integrando-se na sua instrucção por meio das escolas maternaes e de jardins da infancia, nucleos nos quaes deixa de prevalecer a auctoridade e a força

coactiva para dar logar á persuasão e á doçura na assimilação do conhecimento didactico.

Só a mulher, por instincto e penetração nativa, é que poderá saber em que momento terá a criança o poder de fazer viver suas forças de expansão.

Todo empenho, pois, deve ser posto no sentido de educar a mulher, afim de podermos primeiramente contar com ella para a instrucção e a educação da criança.

E instruir e educar a criança é, em summa, a mais nobre prerogativa da mulher, pois que, mãe ou mestra, a ella pertencem os primeiros dez annos da criança, e esta, sahindo da familia para entrar, pelo trabalho, na sociedade, levará para toda a existencia a alma vincada por esses primeiros annos de educação.

São qualidades intrinsecas femininas essas, cuja supersensibilidade psychica prevê o desenvolvimento intellectual do pequenino educando.

E a mais difficil epocha de educar é essa do primeiro momento do contacto entre elle e a professora.

Assim, quer como mãe, quer como educadora, a mulher não deverá ceder o seu logar no mister que por natureza lhe cabe de mobilar de conhecimentos uteis os pequeninos cerebros, apparelhando-os para as futuras batalhas da vida.

Nos paizes adiantados da Europa culta, onde cada pensamento é um ideal, e cada ideal procura dignamente a sua realização, lucta-se incessantemente pela conquista da creança.

A escola, para ser uma obra de redempção, deve educar almas, melhorar corações, temperar caracteres, ser como o laboratorio onde se manipule uma sociedade futura melhor orientada, livre de preconceitos e servidões, e ao mesmo tempo mais social, mais humana.

Assim, a mulher professora da primeira infancia será duas vezes mãe, pela carne e pelo espirito.

Não ensina, insinúa, distrae, inventa ingenuas profissões para flexibilizar os dedos entorpecidos dos seus pupilos, improvisando jogos que os alegrem, brinquedos que os entretenham e instruam.

Demais, da maneira de ensinar, da efficiencia didactica,

reforçada pelas licções dos mestres, hauridas nos bons livros e nos exemplos de dignidade e de moral dos superios, presentes e passados, dependerá sempre o exito do ensino, tornando-o o mais util e efficaz possivel.

A amenidade maternal na instrucção é um dos melhores factores, se não o mais decisivo, da sua opportunidade na orientação da criança, em cujo cerebro a brandura actua do modo mais proveitoso á comprehensão.

E os governos por isso mesmo, têm de ha muito, por previdencia salutar, commettido á mulher a missão especialmente delicada de educar, instruir e illustrar a primeira mocidade.

Assim, indistinctamente de sexo, logo na primeira edade em que deve iniciar-se a educação infantil, impõe-se que ella seja confiada á mulher, cuja paciencia, tacto e natural abnegação para esse mister são predicados espontaneos seus.

Dahi a necessidade das escolas mixtas, em que a instrucção e a educação em commum se harmonizam favoravelmente e se completam. No Pará, só em 1876 é que por proposta de directoria geral de instrucção publica, o presidente da Provincia concedeu permissão para que as professoras publicas admittissem e ensinassem em suas escolas meninos até a edade de 9 annos, como ensaio á co-educação dos sexos.

Como se vê, era de preferencia, entregue á mulher a educação primeira das creanças.

Para a espinhosissima e nobre carreira do professorado, cujos conhecimentos moraes, intellectuaes e pedagogicos são adquiridos, como corpo de doutrina, na Escola Normal, vasto educandario onde se preparam os professores, o numero de candidatos femininos, desde a fundação da mesma escola, foi progressivamente crescendo, provando assim a dedicação innata do espirito feminino para o cuidado educativo das creanças.

Mais tarde, um campo de acção mais vasto se abre á energia e ao devotamento da mulher.

O regulamento geral do ensino primario de Janeiro de 1899 encarrega, com muita sabedoria, ao cuidado e desvelo das professoras, as escolas de meninas, ficando a ellas, professoras, o exclusivo direito de reger as escolas mixtas, podendo em concorrencia com os prefessores, reger as escolas de meni-

nos. Por esse regulamento ainda as escolas mixtas não o eram no sentido lato da palavra. Nas escolas a instrucção era ministrada em duas sessões, uma de manhã, destinada ás alumnas, e a outra de tarde, aos alumnos.

Incumbindo assim as professoras da regencia das escolas para o sexo masculino, o governo dessa epocha obteve os mais proficuos resultados, verificados logo no primeiro anno, assegurando desse modo aos poderes publicos o acerto da medida, a unica, no momento, capaz de guiar com bastante utilidade a nossa instrucção primaria, abrindo-lhe um futuro radioso e fecundo.

Pelo regulamento citado, pois, 21 escolas elementares do sexo masculino, na capital, fôram em 1900, confiadas a professoras, bem como algumas do interior do Estado.

Nessas outras escolas mixtas, que são a bella instituição dos grupos escolares, cuja direcção foi confiada a professoras, com raras excepções, em que o homem é aproveitado, se vê quanta dedicação e carinho se empregam em alimentar o fogo sagrado do saber e do civismo nos cerebros e nos corações das crianças paraenses.

Dest'arte, impondo-se dia a dia pelo trabalho que evidencia beneficos resultados, a mulher, educando e instruindo, vae alargando o seu já dilatado circulo de acção social, primando, sobretudo, pela solicitude maternal com que se vota ao ensino, o qual com ella ha de progredir e fructificar excepcionalmente, para maior proveito da communhão e mais assignalada gloria da patria.

AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - Lei nº 9.610/98). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura

CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA